CONTRATO 57/2016 – INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM)

PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA E PROJETOS COMPLEMENTARES PARA AMPLIAÇÃO, MODERNIZAÇÃO E RESTAURAÇÃO DO MUSEU CASA DA HERA E SEUS ANEXO

PRODUTO 1
PROJETO DE RESTAURAÇÃO
Etapa 1: Identificação e conhecimento do Bem

Anexo I
Relatório da pesquisa histórica

Abril/2017

A & P ARQUITETURA E URBANISMO – EPP - CNPJ 10.947.098/0001-42
Endereço: Rua da Graça nº 22, Fundo – Térreo, Graça, Salvador – Bahia – CEP: 40150-055
E-mail: contato@aeparquitetura.com Telefone: (71) 3243-8876 / 8200-0091

FICHA TÉCNICA

O OBJETO

Endereço: Rua Dr. Fernandes Junior, 160 - Centro, Vassouras - RJ
Propriedade: Santa Casa de Misericórdia de Vassouras/RJ
Contratante: Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM

A EQUIPE TÉCNICA

EXECUÇÃO: A&P Arquitetura e Urbanismo S/S Ltda. EPP

COORDENAÇÃO GERAL:
Responsável(is) Técnico(s):

Alexandre Prisco Paraíso Barreto – Arquiteto e Urbanista
CAU nº A33292-5

PROJETO ARQUITETÔNICO:

Responsável(is) Técnico(s):

Alexandre Prisco Paraíso Barreto – Arquiteto e Urbanista
CAU nº A33292-5
Nivaldo Vieira de Andrade Junior – Arquiteto e Urbanista, Doutor em Arquitetura e Urbanismo
CAU nº A36064-3
Alberto Rafael Cordiviola – Arquiteto e Urbanista, Doutor em Arquitetura e Urbanismo
CAU nº 6856-0

Colaboradores:

Rodrigo Carvalho Simões de Oliveira Motta – Arquiteto e Urbanista
CAU nº 161965-9
Maiara Gaspar – Estudante de Arquitetura e Urbanismo

PESQUISA HISTÓRICA:

Responsável Técnica:
Veronica Castanheira Machado
Graduação em História (Unibennett/2008) e Mestrado em História (UERJ/2010)

Colaboradores:
Mariana Rodrigues
Graduação em Design de Interiores (Universidade Veiga de Almeida/2013) e Mestranda em Memória e Acervos (Fundação Casa de Rui Barbosa)

SUMÁRIO

1. O município de Vassouras 04

2. A Chácara da Hera 08

2.1. A Casa da Hera e seus interiores 14

3. Cronologia de intervenções, reformas e restauros 22

4. Bibliografia 57

1. O MUNICÍPIO DE VASSOURAS

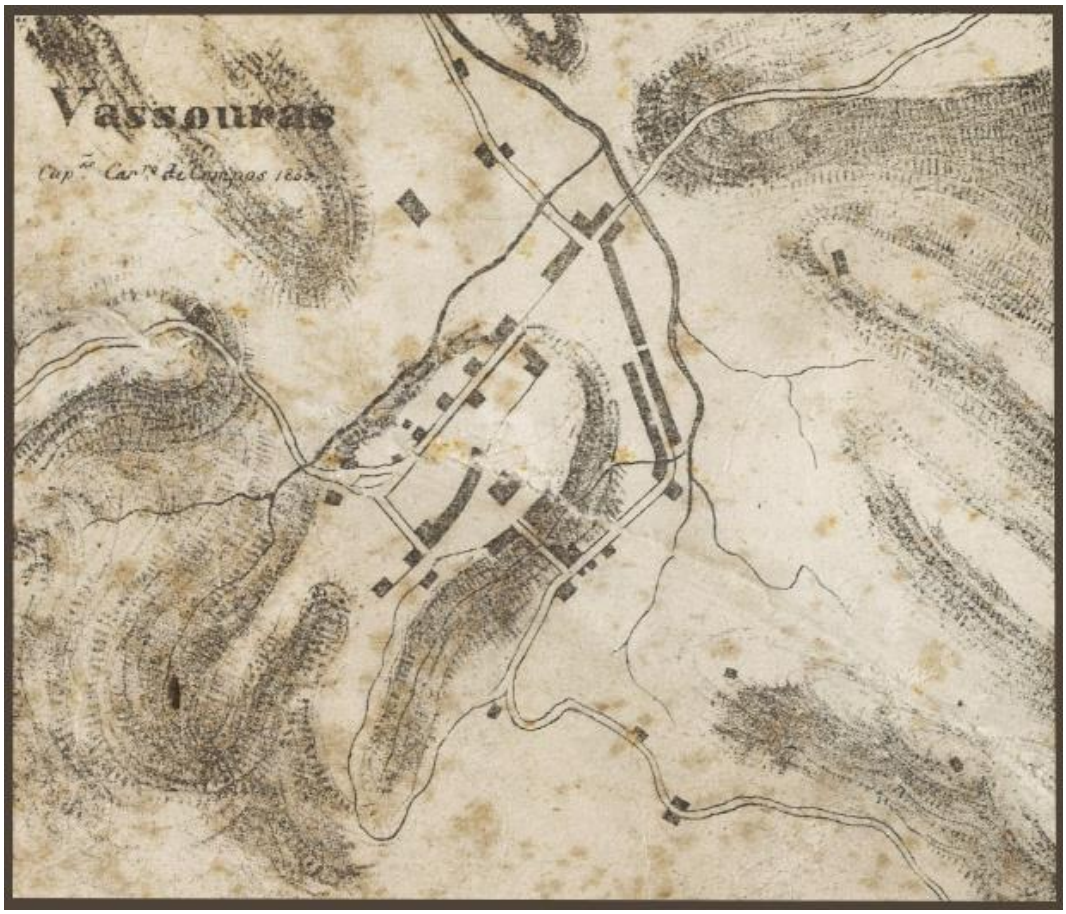


Fig.1. Detalhe da *Carta Corográfica da Província do Rio de Janeiro*, 1836, elaborada pelo Coronel Conrado Jacob de Niemeyer, o Major Henrique Luis Niemeyer Bellegarde, Julio Frederico Koeler e Carlos Rivierre, diretores e chefes das secções da Diretoria das Obras Públicas. Contendo os trabalhos hidrográficos e topográficos, 1839. Acervo da Biblioteca Nacional do RJ.

No documento original desta *Carta* os engenheiros procuraram representar o estado do Rio de Janeiro e seus municípios reconhecidos pelo estado imperial até a data de 1839. Contornando o mapa geral da cidade do Rio de Janeiro, os engenheiros desenharam pequenos quadrados cujo detalhe destacamos, acima, da cidade de Vassouras. Alguns anos antes, o **município de Vassouras** havia sido criado por decreto imperial a 15 de janeiro de 1833, tendo sido elevado à cidade somente em 29 de setembro de 1857[1]. A ocupação do território do atual Município de Vassouras ocorreu por meio das margens do rio Paraíba, subindo até a serra da Viúva e a da Sacra Família do Caminho Novo do Tinguá, próximo da margem direita do Rio Paraíba, se consolidou a Vila, depois Cidade de Vassouras.

> Em 1833, cinco anos após o início da edificação da capela de Nossa Senhora da Conceição, o povoado que se desenvolveu em seu entorno é elevado à vila, com

[1] IBGE, biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riodejaneiro/vassouras.pdf

> o nome de Vassouras, denominação esta proveniente do título de uma fazenda da região que teve parte de suas terras doadas para ali se fazer a igreja matriz[2].

Já a igreja matriz foi erguida entre os anos de 1838 e 1847 com apoio dos benfeitores Barão de Aiuruoca, Barão de Vassouras, José Joaquim Teixeira Leite e Barão de Campo Belo. No ano seguinte o imperador D. Pedro II visitou a cidade e patrocinou a construção de um chafariz e concedeu o título de barão do Tinguá à Pedro Correa e Castro, o benfeitor do Asilo Barão do Amparo.

A união entre os fazendeiros e comerciantes proporcionou intensa atividade urbana e mobilização para construções de grande porte como o empreendimento do hospital ou casa de caridade conforme era conhecido o asilo Barão do Amparo no século XIX. Apesar da ausência de plantas desse período, verificamos por meio dos registros de construções, que naquele momento todas as obras públicas eram comunicadas oficialmente no livro da Câmara Municipal com as devidas autorias de plantas produzidas por engenheiros responsáveis. Outras notificações importantes consistem nas construções de estradas e pontes ligando os municípios da região do Vale do Paraíba ao Rio de Janeiro devido à extensa produção agrícola, especialmente do café, que se desenvolveu nessa região durante o século XIX.

Segundo os dados da *Documenta Histórica dos municípios do Estado do Rio de Janeiro*, Vassouras foi o maior produtor de café do estado do Rio de Janeiro "com exportação de alguns milhares de arrobas que renderam consideráveis fortunas a seus produtores, e a Vassouras, o cognome de Terra dos Barões"[3].

Dentre as construções empreendidas no século XIX citadas nesta publicação, Cyro Corrêa Lyra destacou a antiga Estação Ferroviária que teve o início em meados deste século, porém foi inaugurada somente em 1912; Biblioteca Municipal (1872); Casa do Barão de Vassouras (1834); Casa da Hera (primeira metade do século XIX); Asilo Barão do Amparo (1852); Chafariz de D. Pedro II (1849); Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (1847), sucessora da capela erguida em 1828; Cemitério de Nossa Senhora da Conceição (1848-1860); Casa do Barão do Ribeirão, atual Fórum (1859); Chafariz e Praça Campo Belo (1845); Câmara Municipal (inaugurada em 1874); Solar do Barão de Massambará (s/d); Fazenda do Secretário (1830); Fazenda Galo Vermelho que apesar de não ter data definida, é um ícone interessante, pois está situada à beira do antigo caminho Real (Estrada da Polícia). Na entrada ainda existe um

[2] LYRA, Cyro Corrêa. *Documenta Histórica dos municípios do Estado do Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2006, pp.257-264. Prefácio de Augusto da Silva Telles.
[3] Idem.

marco de pedra com a letra P, inscrição cujo relato oral remete ao nome do imperador[4]; Fazenda Cachoeira do Mato Dentro (s/d); Fazenda Cachoeira Grande (s/d); Fazenda do Pocinho (s/d); Fazenda Mulungu Vermelho (s/d); Fazenda Santa Eufrásia (s/d); Fazenda São Fernando (s/d).

Na documentação[5] existente sobre a cidade encontramos constantemente algum comentário de destaque sobre sua agradável paisagem natural e seu patrimônio material representada pelos imponentes sobrados da elite local.

> A fortuna dessa importante povoação, ou sua boa sina, deu-lhe caracteres distintos e ilustrados, e esses compreenderam que o amor ao país e seu imediato progresso era um dever religioso e social: a compreensão desse dever, ligada ao interesse próprio e individual foi bastante para que o progresso material e moral se manifestasse em Vassouras, e pudesse crescer tanto em população quanto em bens materiais, sem que nisso intervisse a ação do governo, como em outros lugares onde é necessário solicitar ajuda dos cofres públicos. Essa localidade tem vivido e vive por assim dizer, de seus recursos, ela se administra, adianta e avantaja graças à energia, vontade e tino de suas influências sociais[6].

Na década de 1850, considerado ápice da produção cafeeira no estado do Rio essa época, Vassouras era conhecida como "a capital do café"[7]. Tal crescimento da cidade foi observado por meio dos relatos de viajantes como Saint-Adolphe[8], Auguste de Saint-Hilaire[9], Rev. Walsh[10], Sir Charles Bambury[11] e pelas fotografias registradas por Victor Frond.

> No início do século XIX, dizia Milliet de Saint-Adolphe "o sitio onde está a vila era um despovoado coberto de mato"; Saint-Hilaire, quando passa por essa região, descreve a casa grande e engenho de Pau Grande e se hospeda na Fazenda de Ubá, em 1816, não faz nenhuma referência a povoado algum; o Rev. Walsh que em 1829 sobe pela estrada da polícia em direção às Gerais, refere-se apenas a vendas [...] No entanto, passados muito poucos anos da fundação da vila, Sir Charles Bambury, em 1835, de volta a Minas, diz que "a aldeia de Vassouras", a cerca de uma légua de distância do rio, possui algumas boas casas, com vidraças, o que é digno de nota por sua raridade no país"; o relatório do vereador Teixeira Leite, diz em 1849, "nos últimos seis anos tem a Villa de Vassouras prosperado, contando perto de cem casas, entre as quais alguns bons prédios". Ribeyrolles e Victor Frond, no início da segunda metade do século XIX já encontraram uma cidade de dimensões respeitáveis.[12]

---

[4] LYRA, Cyro Corrêa. Op. Cit., p.262.
[5] Documentação referente ao município de Vassouras encontrado no acervo da *Hemeroteca digital* da Biblioteca Nacional e no fundo *Presidência da Província* do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.
[6] C.B.M., *O Município de Vassouras*, Correio Mercantil, 27 de março de 1855, n.84 (autoria da matéria está identificada na matéria pelas iniciais CBM).
[7] TELLES, Augusto C. da Silva. "Vassouras – Estudo da Construção Residencial Urbana". In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.16, Rio de Janeiro: IPHAN, 1968, pp.9-136. Nesta pesquisa nos ocuparemos apenas da família Teixeira Leite.
[8] TELLES apud J.C.R. Milliet de Saint-Adolphe. *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Império do Brasil*, v.I, p.758.
[9] TELLES apud Auguste de Saint-Hilaire. *Viagem pela província do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, v.I, p.38.
[10] TELLES apud Rev. Walsh. Notices of Brazil in 1828 and 1829, v.II, p.41.
[11] TELLES apud Sir Charles Bambury. *Narrativas de viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1833-35).
[12] TELLES, op.cit.,p.24-5.

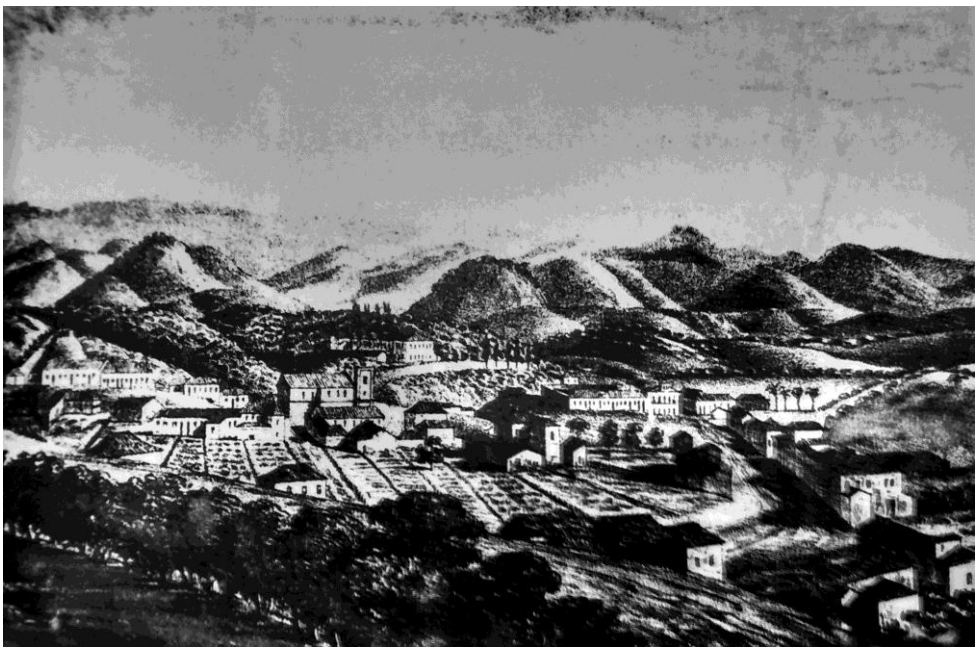


Fig.2. A Vila de Vassouras, Jornal Literário *Ostensor Brasileiro*, 1843.



Fig.3. Victor Frond, fotografia, 1859, acervo Biblioteca Nacional.

O centro histórico guarda ainda vestígios da época e é protegido pelo patrimônio histórico. O seu conjunto histórico urbanístico e paisagístico foi protegido em 1958 pelo processo de tombamento (566-T-57, de 26.06.1958) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional– IPHAN. Em 24 de dezembro de 1984, Vassouras foi declarada, por força de lei, estância turística.

2. A CHÁCARA DA HERA



Fig.4. Fotografia de Sylvana Lobo, cedida pelo Museu Casa da Hera.

A casa fica situada em antiga chácara na Rua Dr. Fernandes Junior em Vassouras, RJ. Devido à prosperidade trazida pelo café, ocorreu aumento populacional, ao qual proporcionou a construção de diversos edifícios no estilo neoclássico na vizinhança, muitos ainda preservados. Após a queda do café, a cidade perde importância política e econômica, o que atenuou seu crescimento. O primeiro registro que se tem da Casa é da primeira metade do século XIX, por volta de 1836, em uma planta da cidade de Vassouras (ver Fig.1). Em menos de duas décadas, os engenheiros Pedro d'Alcantara Bellegarde e Conrado Jacob Niemeyer apresentam outra "Planta da Cidade de Vassouras", de 1858, onde já é possível perceber os muros de delimitação da chácara com a rua.





Fig. 5 e 6 – Detalhes da "Planta da cidade de Vassouras", de 1858/61, anexa à Carta Chorographica da província do Rio de Janeiro, encarregada aos engenheiros Pedro d'Alcantara Bellegarde e Conrado Jacob Niemeyer. Acervo da Biblioteca Nacional



ATUALIZAÇÃO DA LEGENDA

A. Igreja Matriz;
B. Santa Casa de Misericórdia — hoje recolhimento da velhice;
C. Chafariz;
D. Prefeitura e Câmara Municipal;
E. Não está indicado o local, na planta;
F. Depois Escola Pública, serve atualmente de residência para o DER;
G. Não mais existe — em área atualmente do Colégio Regina Coeli;
H. Também não mais existe;
I. Denominação errada — a rua, então do Comércio, é a designada Rua Direita, hoje Rua Barão de Vassouras; a então Rua Direita era a que hoje é Pr. Sebastião de Lacerda e Rua Barão de Massambará; vai dos fundos da Matriz até o Cemitério.
A rua designada por I denominava-se Rua do Colégio, e hoje Rua Joaquim Teixeira Leite e Rua Fernandes Júnior.
J. Atual Ruas Domingos de Almeida e Promotor Ataíde Parreiras;
K. Atual Rua Caetano Furquim;
L. Atual Rua Visconde de Araxá;
M. Atual Rua Rodolfo Teixeira Leite;
N. Atual Rua Dr. Fernandes;
O.
P. Depois Rua Augusta, hoje Dr. Henrique Borges Filho;
Q. Estrada para a caixa d'água e Morro da Vaca;
R. Atual Rua D. Ana Jesuína;
S. Atual Praça Cristóvão Corrêa e Castro;
T. Atual Travessa Américo Brasiliense.

Fig.7. "Planta da cidade de Vassouras", de 1858/61, anexa à Carta Chorographica da província do Rio de Janeiro, encarregada aos engenheiros Pedro d'Alcantara Bellegarde e Conrado Jacob Niemeyer. Acervo da Biblioteca Nacional.

Para o arquiteto Augusto da Silva Telles[13], em sua minuciosa pesquisa sobre a cidade de Vassouras, duas famílias mineiras tiveram importância fundamental no desenvolvimento desse município, os Teixeira Leite de São João del Rei e os Correa e Castro de Mariana, essas famílias construíram suas mansões, fazendas e contribuíram na política da cidade ocupando cargos administrativos na Câmara Municipal[14].

> Em São João del Rei tinham-se estabelecido, na segunda metade do século XVIII, o Capitão Francisco José Teixeira e o Sargento-mór José Leite Ribeiro, portugueses que aí se casaram com brasileiras, e como sócios, mineraram em ouro, chegando a possuir 'fábrica avultada' conforme declararam em petição feita ao guarda-mór das terras e águas minerais de Rio Preto, revela-nos Affonso d'E. Taunay.
> Um filho do primeiro, Francisco José Teixeira, e uma filha do segundo, Francisca Bernardina do Sacramento Leite Ribeiro, futuros Barões de Itambé, são os pais dos irmãos Teixeira Leite[15].

A história dos Teixeira Leite em Vassouras iniciou-se não com a chegada do Barão de Itambé nessas terras, mas com a vinda dos primeiros e mais velhos membros da união entre as famílias Teixeira e Leite Ribeiro, no início do século XIX. Dentre esses, Telles destaca Custódio Ferreira Leite que "incentivou e acompanhou seus irmãos e sobrinhos na devastação das matas do Vale do Paraíba, e no estabelecimento de fazendas de café"[16].

> José Eugênio, Francisco José, João Evangelhista e Antonio Carlos, filhos mais velhos dos Barões de Itambé, vieram com seus tios, afazendar-se à margem do Paraíba: José Eugenio e Antonio Carlos, em Mar de Espanha, fundaram as fazendas da Cachoeira, e João Evangelhista abre fazenda em Barra Mansa. Francisco José Teixeira Leite, futuro Barão de Vassouras, comerciando e plantando café, consegue formar enorme fortuna para época; em 1850, quando enviúva de sua primeira mulher, no inventário, arrola bens no montante de mais de mil contos de réis; nesta ocasião, vende a fazenda, instalando-se definitivamente em sua casa da vila de Vassouras, onde desenvolve suas atividades como comerciante e banqueiro[17].

O Barão de Itambé e o Barão de Campo Belo (Famílias Correa e Castro e Teixeira Leite) uniram suas famílias pelo casamento dos filhos – Joaquim José Teixeira leite e Ana Esméria Correa e Castro em 1843. Inicialmente a chácara foi residência do casal e depois das suas filhas Francisca Bernardina Teixeira Leite e Eufrásia Teixeira Leite.

> Os senhores da vila, donos de casas, eram comerciantes e, nas suas casas, notamos a existência de compartimentos para escritório, para receber clientes ou agentes comerciais, e simetricamente colocados em relação aos salões de receber. Podemos ver esses compartimentos constituídos por uma ou duas salas, e algumas alcovas ou quartos

[13] TELLES, Augusto C. da Silva. "Vassouras – Estudo da Construção Residencial Urbana". In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.16, Rio de Janeiro: IPHAN, 1968, pp.9-136. Nesta pesquisa nos ocuparemos apenas da família Teixeira Leite.
[14] Idem. Francisco José Teixeira Leite, Barão de Vassouras, foi presidente da Câmara de Vassouras nos períodos de 1840-4 e 1861-4, p.45.
[15] TELLES apud TAUNAY, Affonso d'E. "Uma irmandade de grandes cafesistas e civilizadores – Os Teixeira Leite".
[16] Idem.
[17] TELLES, Op.Cit., p.40.

> na Casa da Hera. Nesta o seu proprietário Joaquim José Teixeira Leite possuía em um dos quartos uma magnifica biblioteca[18].

O terreno encontra-se em uma encosta, o que permite uma ampla visão da cidade. A casa principal é em centro de terreno, com fachada principal voltada para sudoeste. Possui um jardim amplo e arborizado, além de palmeiras imperiais, canteiros e um pátio interno.

> Em 1873, logo depois da morte dos pais, Eufrásia parte para Paris com sua irmã, só voltando a Vassouras para breves temporadas na casa de sua infância, em meados da década de 1920. Durante sua ausência, a casa permanecia fechada e conservada por dois empregados que recebiam instruções detalhadas de sua dona sobre os cuidados a serem tomados[19]. Entre as coisas notáveis locais não é de esquecer a Chácara da Hera em torno da qual se criaram lendas inverídicas por ser inacessível à visita dos curiosos. A chácara é uma antiga propriedade do Dr. Joaquim José Teixeira Leite, irmão do Barão de Vassouras e, como este, filho do Barão de Itambé, o qual passou a ser propriedade de uma filha daquele, a Sra. Eufrásia Teixeira Leite, venerando senhora que vive em Paris há mais de quarenta anos. Por excessivo, mas não censurável zelo e como homenagem à memória paterna, a veneranda senhora faz conservar fachada, impenetrável aos forasteiros. é uma extensa chácara, plantada de soberbas árvores frutíferas com dois bosques, um de eucalipto e outro belíssimo, com várias dezenas de metros de extensão de bambus. Não há como penetrar ali, e o forasteiro cuja curiosidade é aguçada pelas lendas que se lhe contam, contenta-se em ver a casa quase ao centro da chácara, e tão inteiramente coberta de hera que só não desaparecem sob a trama desta as aberturas das portas e janelas[20].

Com a morte de Eufrásia, em 1930, em seu inventário doa as terras da Chácara da Hera para as irmãs do Sagrado Coração de Jesus com a condição de que as irmãs preservassem a casa intocada, guardada, sem uso, e construíssem uma escola para meninas órfãs. Raul Fernandes, testamenteiro de Eufrásia, cuida da conservação da casa e faz algumas obras de manutenção e obra de adaptação da senzala[21].

No minucioso trabalho realizado pela arqueóloga Camila Agostini[22] relata que a descrição das peças que continham em cada cômodo da casa, como consta no inventário, sugere que a casa se não estivesse em obras, estava com seu lado esquerdo praticamente inutilizado,

---

[18] TELLES, Op.Cit., p.63.
[19] Essas informações encontram-se nas cartas trocadas entre Eufrásia a o jardineiro Manoel da Silva Rebello; essa documentação está sob guarda do acervo do Museu Casa da Hera.
[20] Cidades Fluminenses: Vassouras, p.5, Jornal do Commercio, 25 de dezembro de 1926. http://memoria.bn.br/DocReader/364568_11/21515
[21] Sobre a senzala e a possibilidade de ter existido plantações no terreno, conversamos com Cirom Duarte e Alves (Diretor Substituto, Fiscal de Contratos, Chefe de Serviço Museu Casa da Hera) que nos informou "Na última reunião que tive no escritório técnico do IPHAN em Vassouras a Sra. Isabel Rocha me confirmou que a exceção das paredes divisórias dos banheiros e corredores, todas as demais são originais da Casa, onde hoje são janelas, anteriormente eram portas. Após o falecimento de Eufrásia ela determina em testamento a existência de um pomar, onde poderiam ser vendidos os frutos, deste modo temos certeza de sua existência em algum momento. Também acreditamos que tenham existido horta, galinheiros pois era costume da época, mas não podemos precisar onde exatamente. Na prospecção arqueológica realizada na chácara, identificamos restos do que parece ter sido uma capela, hoje novamente coberto".
[22] AGOSTINI, Camilla; NAJJAR, Rosana. Pesquisa arqueológica na Casa da Hera – Vassouras / RJ. In: *Revista de Arqueologia*, 20: 39-50, 2007.

com cômodos abrigando material de construção. Do lado direito estariam os quartos em uso, assim como a sala de jantar que roubou o piano do salão de festas ou do salão encarnado. Sendo essas três as salas de receber socialmente. A sala de jantar, contudo, encontra-se distante da área social e relativamente distante da cozinha, estando bem no meio da parte íntima da casa. Além disso, a vista da janela da sala de jantar é das senzalas. Justifica-se esta localização como uma adaptação necessária depois da obra que transformara a forma da casa originalmente em U em um quadrado. Há uma dúvida sobre a área de cozinha, dispensa e quarto para criados. Manoel da Silva Rebello diz em uma das suas cartas que estava habitando num dos cômodos dentro da casa, próximo à cozinha[23].

Entre 1930 e 1950 a casa permanece fechada e o terreno vizinho é ocupado pelo colégio para meninas órfãs, aos cuidados das irmãs do Sagrado Coração de Jesus. Durante a época de funcionamento da escola para meninas órfãs foi incorporada ao seu complexo a área da senzala da Chácara da Hera (1942). A cozinha acabou por ficar em ruínas e as senzalas a se transformar em cômodos com janelas.

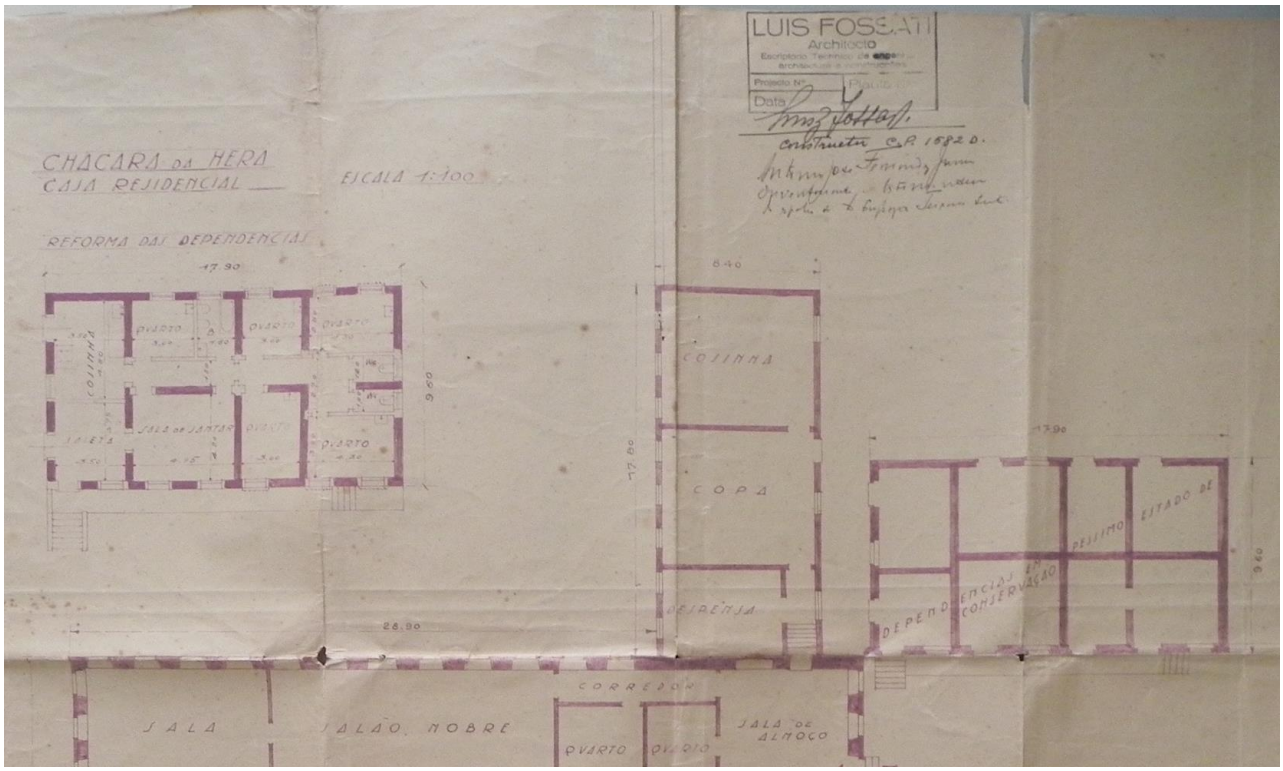


Fig.9. Trecho do projeto de reforma da Senzala onde se vê a planta da Senzala com configuração anterior à atual. Elaborado pelo Arquiteto Luis Fossati quando da elaboração da proposta de reforma do edifício. Notar que várias portas foram vedadas. s/data. Fonte: ET/ Iphan Vassouras

[23] AGOSTINI, Camilla; NAJJAR, Rosana. Pesquisa arqueológica na Casa da Hera – Vassouras / RJ. In: **Revista de Arqueologia**, 20: 39-50, 2007.

Em 1952, o conjunto é tombado, sendo assumido pelo IPHAN em 1965, sob a guarda de Augusto da Silva Telles e Eurico Calvente. No ano do tombamento da chácara o Jornal de Comércio publica uma extensa matéria destacando os pormenores da casa:

> "[...] o vestíbulo leva-nos ao salão vermelho – o das recepções de D. Eufrásia e quantos a procuravam e os seus. As paredes forradas de um vivo rubro tem aquela majestade das coisas que avassalam. O lustre monumental é bem obra de uma perfeição de tons e gambiarras. As mangas, aos pares, de um cristal límpido e sobriamente lavrado – toda a casa está delas povoado – contrastam e é fácil de imaginar a majestosa combinação de todas aquelas luzes solarengas. Um tapete monumental forra o chão; também de um rubro escuro, solene e nobre. Tudo ali é o século XIX. O mobiliário não foge à regra. Mas, ao centro, na bela mesa ao derredor da qual tantas tertúlias se terão travado, antes de D. Eufrásia e com ela, está alguma coisa deste século, uma vitrola. Não destoa, é verdade, do conjunto na sua caixa de mogno. E passamos ao salão amarelo, todo ele de caixilhos e cortinas amarelas. Ali se faziam os bailes da mansão. É o estilo clássico do "foyer", de belas cadeiras, aos pares, alinhadas pelo salão. É um salão imenso. Vêm depois os quartos: dos barões de Itambé, pais de D. Eufrásia e dela mesma. Relativamente pequenos e quase que tomados pelas camas generosas e pesadas. O gabinete do pai lembra com sua mesa alta e curiosa – um atelier de engenheiro arquiteto, de nossos dias. Pela parede mapas raros, de excepcional valor; em móvel próprio, mapas encadernados inclusive o histórico de Lesage, coleções do Jornal do Comércio, algumas pinturas. Tudo, tudo em péssimo estado de conservação, mas não adiantemos. A sala de jantar é maravilhosa. A mesa de jantar é uma dessas coisas impossíveis de conceber em nossos dias. Os móveis caprichosamente dispostos; um dos lados da sala e tomado inteiramente por um formidável armário onde se guarda o que foi usado. Vários serviços de almoço, jantar, vidraria e cristais. A biblioteca da mansão é outro setor de que só palidamente se poderia dar notícia. É leve, eclética, de bom gosto para todos os graus de cultura e ilustração de espírito[24].

Entre as décadas de 1960 e 2000, o Instituto do Patrimônio Artístico Nacional ocupa a chácara e administra o funcionamento do Museu Casa da Hera. O Museu tem como missão manter viva a memória daquela que foi uma das personalidades femininas mais importantes da região e a frente de seu tempo, desenvolvendo ações voltadas à salvaguarda, à pesquisa e à difusão da história do século XIX no vale do Paraíba do Sul. Em 2009, o IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus, ligado ao Ministério da Cultura, assumiu a gestão e manutenção do Museu Casa da Hera.

2.1. A CASA DA HERA E SEUS INTERIORES[25]

A casa térrea está edificada sobre baldrame de pedra com paredes de alvenaria de pedra, adobe e pau-a-pique. Em forma retangular vazada no centro, com pátio e um puxado para serviço, constam 21 cômodos, 67 janelas de vergas retas com guilhotina abertas para o pátio interno e chácara. Paredes internas com pintura decorativa e papéis importados da França. As almofadas externas das janelas dos Salões receberam elementos decorativos a ouro, o que era

[24] NETTO, Aben Attar. A Casa da Hera.*Jornal do Comércio*, 27 de janeiro de 1952.
[25] As fotografias do item 3.1 foram registradas por Veronica C. Machado em março de 2017.

raro na época. A porta principal da casa é de madeira almofadada, acessada por escada em pedra com dois lances. Os beirais são revestidos por cimalha em madeira. Paredes externas revestidas de Hera, daí o seu nome. Na parte interior, apesar da decoração de estilo neoclássico típicos da corte, o assoalho, as esquadrias e o forro, são simples. Espaço social composto por mobiliário francês, com curvas e florões inspirados no neo-rococó. Demais móveis dos outros cômodos, de influência da Regência e Império, possui marcenaria nacional. Arandelas de cristal com procedência da França e Boêmia.

Os cômodos

A casa possui 22 cômodos distribuídos em 3 áreas: comercial, íntima e social/serviço

1. Comercial – escritório, salão e alcova

Vestíbulo





Fig 10 e 11 - Hall de entrada para a Casa para o acesso às três áreas

Escritório





Fig. 12 e 13 - Marcenaria nacional e escrivaninha de jacarandá

Salão Comercial



Fig. 14 - Moveis franceses de jacarandá e palhinha do século XIX. Papel de parede recuperado, de origem francesa. Decoração de folhas de café. Arandelas com aplique de bronze e mangas em cristal da Boêmia.





Fig.15 e 16 – Alcova

2. Íntima – quartos, biblioteca, sala de jantar e demais dormitórios próximos à copa.

Quartos





Fig.17 e 18 - Cama em vinhático estilo Império Brasileiro da segunda metade do século XIX detalhe do papel de parede francês colocado em 1928 por Eufrásia.



Fig.19 - Cama em vinhático, primeira metade do século XIX, penteadeira da Europa, segunda metade do século XIX.

Biblioteca



Fig. 20 - Armário-estante jacarandá e cristal, Brasil, primeira metade do século XIX, Preguiceira de jacarandá com palhinha estilo Império brasileiro primeira metade do século.

Sala de Jantar



Fig. 21 - Armário cristaleira, Brasil, primeira metade do século XIX.



Fig.22 - Conjunto Thonet em palhinha e faia.

Cozinha



Fig.23 - Fogão a lenha de 1866, Jacinto A. Barbosa, moedor de café

3. Social – sala de música e recepções

Sala de música



Fig.24 - Piano Henri Herz, medalha de ouro na França, século XIX, lustre de opalina, cristal e bronze, França, século XIX, móveis franceses de jacarandá e palhinha do século XIX.





Fig.25 e 26 - Papel de parede recuperado, de origem francesa, decoração de folhas de café
Arandelas com aplique de bronze e mangas em cristal da Boêmia. Detalhe do roda teto: papel de parede (original).

Salão de recepção



Fig.27- Mobiliário em carvalho estilo Luís Felipe, França, segunda metade do século XIX.



Fig.28- Mobiliário em carvalho estilo Luís Felipe, França, segunda metade do século XIX,
aparador em mármore e vinhático, estilo Luís Felipe, espelho em cristal e papel de parede em tons vermelhos.

3. CRONOLOGIA DE INTERVENÇÕES, REFORMAS E RESTAUROS

- 1887 – Planta-se a Hera que vai tomando conta das paredes da Casa, tornando assim a sua identidade.
- 1920 a 1930 o imóvel sofre pequenas alterações, mas sendo preservado como uma construção do século XIX.
- Em 1930, após morte da herdeira Eufrásia Teixeira de Melo, o imóvel é doado com todo o seu interior, para as irmãs do colégio Regina Coeli, no Rio de Janeiro.

Como cláusula testamentária, a manutenção da integridade da Casa e seus objetos bem como sua indissolubilidade.

1939

- Em 1939, segundo documento assinado pela Madre Rosário Marchessi, dentre outros levantamentos, sinaliza-se um pedido de restauração parcial dos papéis de parede da Sala de Visita e Salão Comercial, pelo péssimo estado de conservação, através da firma Badia de papéis de parede, com sede em Petrópolis. Foram restaurados apenas as partes em mau estado pelo método de *silk screen* com arte final feito in loco.

1941



Fig. 29 - Fotografia de Eric Hess, 1941, acervo IPHAN RJ.



Fig 30 - Foto 21274 – acervo DPHAN RJ, autor Eric Hess, 1941.

1952/1953

- Em 21 de maio de 1952, documento do PRO-MEMORIA, edificação tombada sob processo 459-T, inscrição 292, livro histórico fls 49. Início da atuação do DPHAN.

- Reparos na cobertura da ala de serviço e no prédio principal, reparo em esquadrias, recolagem de papel de parede e caiação. (Esta informação consta em documento do IPHAN de 20 de setembro de 1979 no item resumo dos reparos feitos na casa - cronologia)

1954

- Imunização geral do madeiramento do telhado, esquadrias e madeiramento do piso, tratamento geral dos livros, quadros e moveis. (Esta informação consta em documento do IPHAN de 20 de setembro de 1979 no item resumo dos reparos feitos na casa - cronologia)

1955

- Reparos gerais em esquadrias, com substituição de vidros, partidos, reparos em papeis de parede, peitoris, revestimento de argamassas, forros, moveis e pintura a cal. (Esta informação consta em documento do IPHAN de 20 de setembro de 1979 no item resumo dos reparos feitos na casa - cronologia)

1956

- Reparos em sanefas, confecção de peças para substituição de peças estragadas e reparos em folhas de janelas. (Esta informação consta em documento do IPHAN de 20 de setembro de 1979 no item resumo dos reparos feitos na casa - cronologia)

1958

- Reparos gerais no telhado. (Esta informação consta em documento do IPHAN de 20 de setembro de 1979 no item resumo dos reparos feitos na casa - cronologia)

1960/1961

- Em março de 1960 em documento enviado pela Madre Maria Bernarda ao DPHAN, a mesma solicita reparos em goteiras que estariam colocando em risco as paredes de alguns salões da casa.
- Em documento do PRÓ-MEMÓRIA, abril de 1960, após ser realizada uma vistoria, notou-se que as goteiras continuavam prejudicando o imóvel, após chuvas de verão, e que já haviam atingido tapetes e papeis de parede da biblioteca, salão amarelo e salão vermelho.
- Em agosto de 1960 foram reparados os madeiramentos da antiga cozinha.

- Em relatório nº I, documento do PRÓ-MEMÓRIA, datado de fevereiro de 1961, arquiteto Augusto Silva Telles, inicia-se em 11 de janeiro a obra com o destelhamento. Tesoura e terças estavam em péssimo estado de conservação. A área da Ala (ou "puxado") de Serviço, com 144m2 (8,00 x 18,00 m) à esquerda do imóvel, estava em maior estado de atenção, portanto foi o ponto de partida. Na semana de 23 a 28 de janeiro o serviço foi suspenso devido às chuvas fortes. Em 30 de janeiro recomeçam os trabalhos sendo desmontados ripas, caibros e terças, espigais e os frechais da frente.

  O relatório sinaliza ainda que esta retirada dos frechais deve ser feita de forma lenta pois as peças são a amarração de todas as paredes que são de construção mista: as PAREDES INTERNAS são de pau-a-pique, as PAREDES EXTERNAS de tijolos e o PÉ DIREITO e OMBREIRAS dos vãos, em madeira. O PÓRTICO de entrada da chácara, que está sem portão, porém a fechadura primitiva de 30x30cm ainda existe, está coberto com chapas de chumbo e com infiltrações devido a plantas. As plantas foram retiradas para sanar tais infiltrações.
- Em relatório nº II, do mesmo ano (de 06 a 25 de fevereiro), documento do PRÓ-MEMÓRIA, arquiteto Augusto Silva Telles, inicia-se a colocação das peças que irão substituir as danificadas. Os CAIBROS são constituídos das seguintes madeiras:
    - Canudo de bito
    - Catinguá
    - Pimenteira vermelha
    - Canela mulato
    - Vassourinha
    - Camboatá

  O BEIRAL foi confeccionado com madeira Canela.

  O serviço teria sido finalizado em abril de 1961, não incluindo a colocação das telhas.
- Em 10 de junho de 1961 foi enviado um orçamento para complemento do serviço do TELHADO da área de serviço (montagem do telhado, colocação das telhas do mesmo e dos beirais.
- Em relatório III de 28 junho de 1961, documento do PRÓ-MEMÓRIA, arquiteto Augusto Silva Telles, foi apenas sinalizado a continuidade das obras.
- Em 18 de julho de 1961 foi realizada uma vistoria de inspeção ao local, segundo documento do DPHAN, sinalizando que a obra se encontra em fase de finalização. Foi

determinado pelo Arquiteto Augusto Silva Telles que colocassem TESOURAS DE CANTO PARA APOIO DOS ESPIGÕES, com o intuito de redução dos vãos entre os mesmos. Restando ainda por fazer o madeiramento da tacaniça junto à casa grande, ripamento e entelhamento geral.

- Em relatório IV de 02 de agosto de 1961, documento do PRÓ-MEMÓRIA , com vistoria realizada em 29 de julho do mesmo ano, sinaliza o arquiteto Augusto Silva Telles também o andamento da obra, porém comunicando que faria numa próxima visita o levantamento do madeiramento da casa principal para busca de orçamentos para reparo.
- Em relatório V datado de 07 de novembro de 1961, documento do PRÓ-MEMÓRIA, arquiteto Augusto Silva Telles, com visita de inspeção em 31 de outubro do mesmo ano, sinaliza o fim das obras da Ala de Serviço. O mesmo fez o levantamento do telhado geral da casa, para tomada de preços para restauro e reparos em telhas quebradas, remoção de entulhos de obra anterior.
- Em documento do construtor Sebastião Souza Telles, sem data, enviado ao DPHAN, relata-se o procedimento para RESTAURO do TELHADO da casa principal, bem tombado. (vide documento na íntegra em pasta anexa “madeiramento e telhado”)
- Em relatório de 09 de dezembro de 1961 para visita técnica da obra do TELHADO da CASA PRINCIPAL, realizada em 29 de novembro de 1961, documento do SPHAN, o arquiteto Silva Telles, informa a compra de alguns itens para início das obras e também a retirada de alguns itens de entulho da anterior.



Fig 31 - Foto caixa 618 – pasta 2475 – folder 2475.1 – nº2168. Acervo IPHAN RJ, autor desconhecido, 1960.



Fig 32 - Foto caixa 618 – pasta 2475 – folder 2475.1 – nº2169. Acervo IPHAN RJ, autor desconhecido, 1960.



Fig.33 - Foto caixa 618 – pasta 2475 – folder 2475.1 – nº2175. Acervo IPHAN RJ, autor desconhecido, 1961.



Fig.34 - Foto caixa 618 – pasta 2476 – folder 2476.2 – nº2177. Acervo IPHAN RJ, autor desconhecido, 1961.

1962/1963

- Em relatório de 06 de junho de 1962, de visita técnica em 9 e 10 de maio do mesmo ano, documento do DPHAN, arquiteto relata o andamento das obras da segunda etapa.

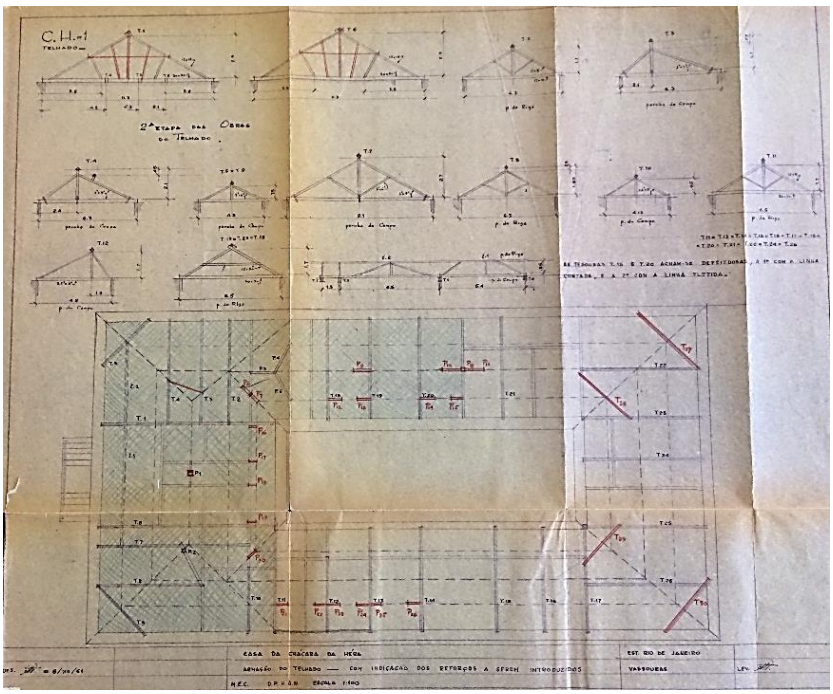
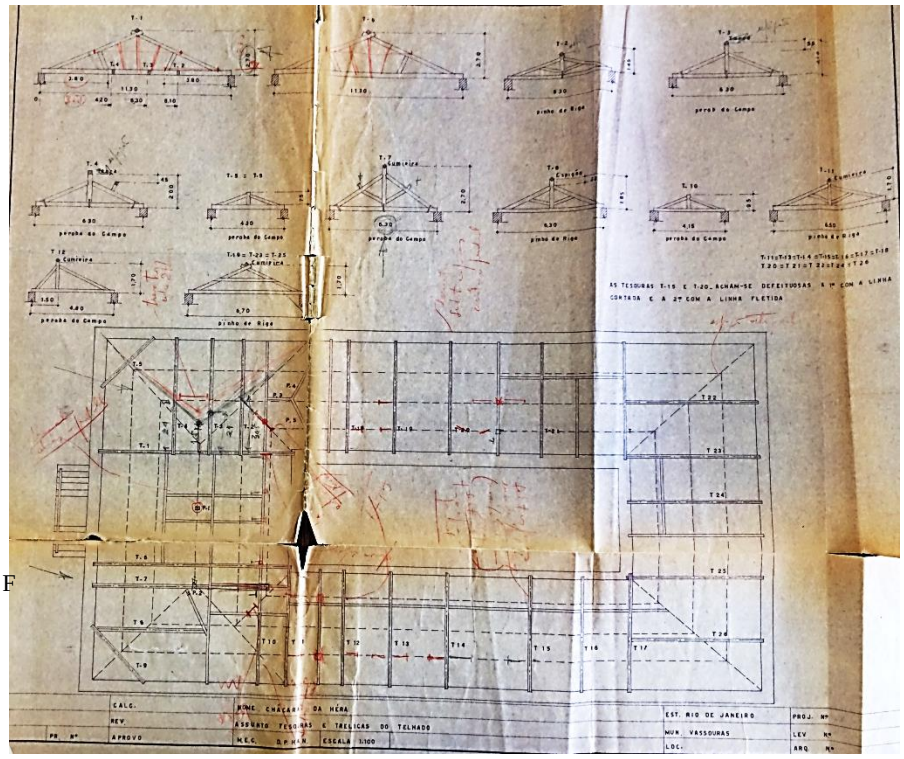


Fig.35 - Planta baixa armação do telhado, segunda etapa. Foto caixa 618 – pasta 2476 folder 2476.2 – nº2328 Acervo IPHAN RJ, autor desconhecido, 1961



F

Fig.36 - Planta baixa tesouras de treliças do telhado, segunda etapa. Foto caixa 618 pasta 2476 – folder 2476.2 – nº2329 Acervo IPHAN RJ, autor desconhecido, 1961.

- Em 25 de setembro de 1962, foi enviado orçamento do construtor Sebastiao de Souza Telles para terceira etapa da obra do Telhado da Casa principal.

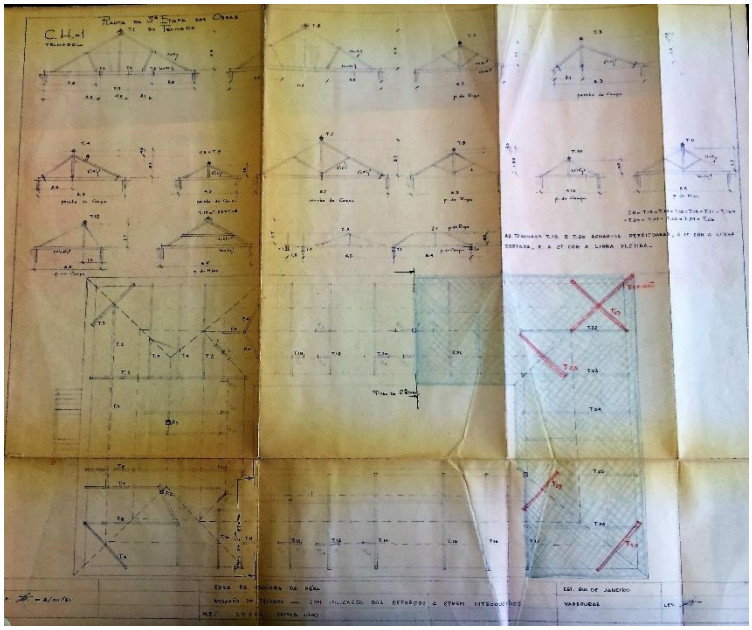


Fig.37 - Planta baixa do telhado, terceira etapa. Acervo IPHAN RJ, autor desconhecido, 1961

- Em documento do construtor Sebastião Souza Telles, sem data, enviado ao SPHAN, relata-se o procedimento para terceira etapa para RESTAURO do TELHADO da casa principal, bem tombado. (vide documento na íntegra em pasta anexa "madeiramento e telhado")
- Em documento do SPHAN datado de 09 de maio de 1963, o arquiteto Silva Telles, relata o fim das obras de RESTAURO do TELHADO da CASA PRINCIPAL.

1964

- Limpeza do porão no entorno casa. Construção de cerca de arame farpado para divisória com o colégio. (Esta informação consta em documento do IPHAN de 20 de setembro de 1979 no item resumo dos reparos feitos na casa - cronologia)

1965

- Em documento do DPHAN datado de 30 de junho de 1965, o arquiteto Silva Telles solicita a reposição de 08 folhas de guilhotina faltantes no corpo de Serviço. Sinaliza que a casa está passando por uma pintura na área externa assim como das esquadrias.
- Reparo do emboço e reboco externo da ala de serviço, pintura das esquadrias externas e cimalhas, caiação da área de serviço, restauração de janelas da mesma área. (Esta

informação consta em documento do IPHAN de 20 de setembro de 1979 no item resumo dos reparos feitos na casa - cronologia)

1966

- Em 01 de janeiro de 1966, resultou de convênio em caráter permanente entre o extinto SPHAN e as missionárias do Sagrado Coração de Jesus. Desde então o patrimônio vem investindo em sua manutenção e recuperação, através da 6ª coordenação regional do IPHAN.
- Construção do muro divisório entre o Museu e o colégio. (Esta informação consta em documento do IPHAN de 20 de setembro de 1979 no item resumo dos reparos feitos na casa - cronologia)
- Construção da casa do caseiro com quarto, banheiro e cozinha (Esta informação consta em documento do IPHAN de 20 de setembro de 1979 no item resumo dos reparos feitos na casa - cronologia)
- Em 11 de novembro de 1966, em documento do IPHAN, o arquiteto Silva Telles, solicita algumas obras com o intuito de abertura da casa à visitação pública e permanente, como construção de uma cisterna de 20.000L, instalação de agua e luz para a casa do caseiro, instalação de bomba elevatória de agua, construção de muros e de cercas divisórias com o Senai e limpeza geral da casa.

> Para o presente exercício, programamos as obras que nos parecem indispensáveis para ser possível o início da abertura da casa e da chácara da Hera à visitação pública, de maneira permanente. Já estão concluídas as obras de reforma dos telhados, os reforços dos assoalhos, os consertos dos revestimentos externos, as pinturas gerais externas, inclusive das esquadrias, a construção da casa do vigia, e a construção dos muros divisórios com os terrenos do colégio Regina Coeli.

- Em documento de 24 de outubro de 1966, documento do DPHAN, é feita uma especificação dos serviços a serem realizados, supra mencionados.
- Em documento datado de 02 de novembro de 1966, do construtor Sebastião de Souza Telles, o mesmo envia um orçamento para execução dos serviços.

1967



Fig. 38 - Foto 60520 – acervo DPHAN RJ, autor Hess, janeiro de 1967.

- Em documento de 20 de janeiro de 1967, documento do DPHAN, o arquiteto Silva Telles comunica o bom andamento das obras solicitadas em 1966. Obras executadas.

1968

- Em dezembro de 1968 inicia suas atividades como Casa Museu

1970

- Revisão geral dos telhados, limpeza e manutenção da chácara, plantio de novas espécies no jardim (Esta informação consta em documento do IPHAN de 20 de setembro de 1979 no item resumo dos reparos feitos na casa - cronologia)

1971

- Em 11 de novembro de 1971, em documento do DPHAN, o arquiteto Silva Telles faz uma especificação para obras de restauro e conservação da Casa da Hera. Solicitou:
  1. Revisão geral dos TELHADOS substituindo TELHAS quebradas e realocando as soltas, sendo as substituídas serem antigas e semelhantes às existentes;
  2. Limpeza das calhas;
  3. Limpeza da vegetação no entorno da chácara;
  4. Construção de um novo MURO que caiu (cerca de meses antes do documento), com espessura de 25cm, com estrutura e fundações em concreto armado, parede de

tijolos maciços ou pedra de mão, conforme projeto fornecido, sendo as duas faces emboçadas e com reboco para caiação;

5. Fornecimento e colocação de portão de madeira de lei, com as respectivas ferragens, conforme desenho de detalhe fornecido.

   Obras executadas.

1973

- Levantamento de instalações elétricas

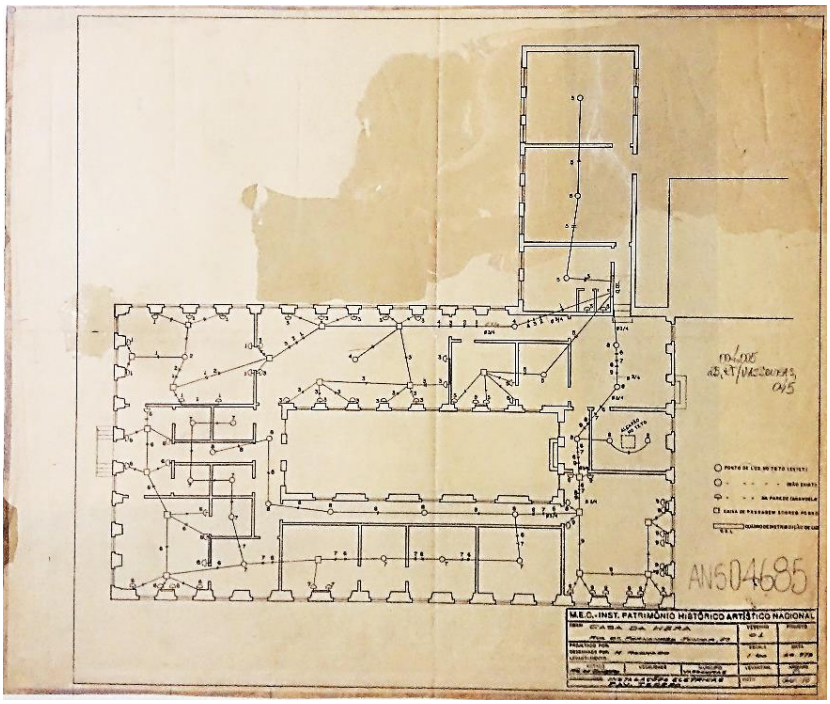


Fig.39 - Planta baixa de levantamento de instalações elétricas - Acervo IPHAN RJ, autor desconhecido, desenho de M. Machado, 1973

1974

- Em 08 de maio de 1974, em documento do DPHAN, assinado pelo arquiteto Cristiano B. Ottoni, relata que a casa em geral ainda tem aspecto de obras, que o GRADIL de FERRO da escada da entrada está enferrujado e quebrado na parte de baixo dele, faltando parte do corrimão de madeira que está apodrecido.

  Na área de INTERIORES, existem manchas de umidade das goteiras, na parede e teto, e os papeis de parede se encontram soltos e com as pontas enrolando.

  OBS: Não foram achados documentos que comprovem a execução neste mesmo ano.

- Em 20 de novembro de 1974, documento do DPHAN, do arquiteto Eurico Calvente, chefe da área de projetos do órgão, o mesmo solicita uma autorização para obras de

reparo através da Construtora Artiles LTDA. A mesma enviou duas propostas contendo os seguintes itens: (vide documento na íntegra na pasta “gerais” - construtora Artiles)

1. Instalações elétricas;
2. Aparelhos de iluminação
3. Instalações hidráulicas e de esgoto
4. Fundação
5. Alvenarias
6. Estrutura da cobertura, forro e telhado
7. Revestimentos e pavimentações
8. Pintura
9. Limpeza

Não foram executadas no mesmo ano.

1975/1976

- Planta de localização de tomadas de piso da sala de exposição das roupas, confeccionada em julho de 1975.

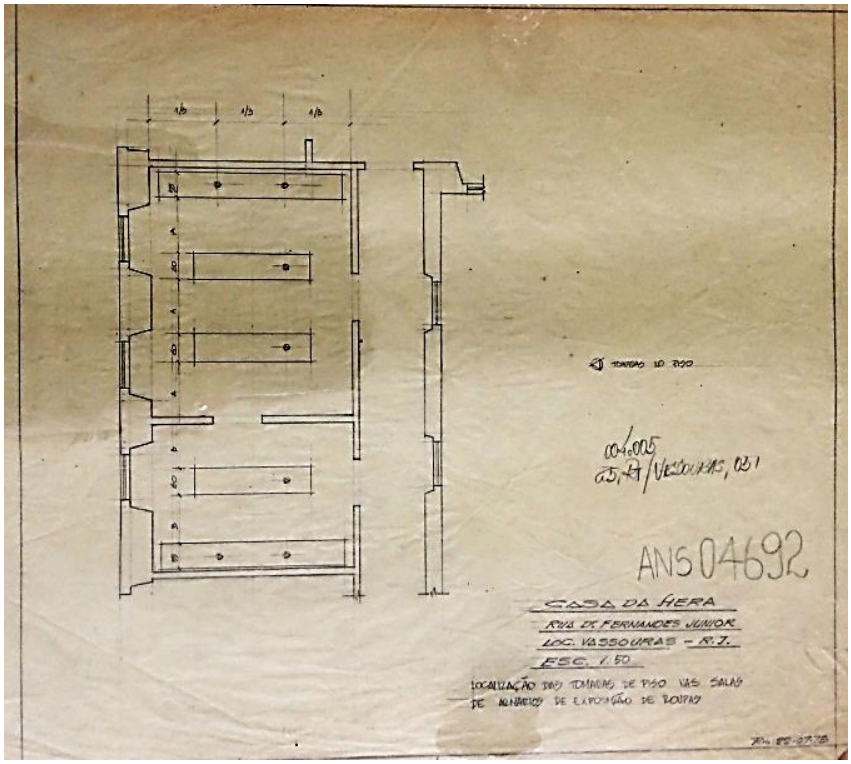


Fig.40 - Planta baixa de levantamento/localização de tomadas - Acervo IPHAN RJ, autor desconhecido, 1975

- Em 05 de dezembro de 1975, documento do DPHAN, intitulado Memorando 7, do arquiteto Eurico Calvente, chefe da área de projetos do órgão, é solicitado uma autorização para obras de reparo através da Construtora Artiles LTDA. (vide documento na íntegra na pasta "gerais" – memorando 7 IPHAN)

Foram especificados os seguintes serviços a serem executados:

1. Ala da COZINHA:
    - Fundação: Verificação da fundação em blocos e vigas e remoção das lajotas de barro para substituição de novas iguais
    - Estrutura: madeiramento estrutural
    - Telhado e beiral: serão trocadas as quebradas
    - Forro: Será colocado na sala anexa a cozinha forro de bambu traçado fixados em peças de madeira à altura da tesoura do telhado
    - Alvenaria: substituição das degradadas
    - Esquadrias e vedações: substituição das estragadas ou apodrecidas em madeira de lei.
    - Revestimentos e pavimentações: emboço e reboco nas partes necessárias com o uso de massa grossa e fina com acabamento para pintura. Substituição de lajotas e cerâmicas da cozinha e sala anexa pelo mesmo modelo antigo já no local.
    - Pintura: os paramentos das alvenarias internas serão pintados com tinta plástica branca. Esquadrias serão pintadas a óleo nas cores indicadas em pesquisa de camadas. As superfícies externas das alvenarias serão pintas em cor a combinar com tinta plástica para exterior.
    - Vidros: serão trocados os quebrados por mesma qualidade, cor e espessura dos já existentes.
    - Aparelhos de iluminação: serão utilizados na cozinha antigos lampiões a querosene adaptados à luz elétrica. Na sala anexa serão utilizadas luminárias simples (ou antigos lampiões ou globos iguais ao do interior da casa)
    - Aparelhos de aquecimento: será colocado fogão em modelo antigo, à lenha, igual ao utilizado nas antigas fazendas da região.

2. Corpo da CASA
    - Estrutura da cobertura, forro e telhado: serão verificados todos os madeiramentos sendo substituídos os estragados ou apodrecidos por madeira de

lei. Também serão revisadas as tabuas do forro sendo substituídas as estragadas ou apodrecidas por madeira de lei.

- Telhado e beiral: serão trocadas as quebradas
- Esquadrias ou vedações: serão revisadas todas as esquadrias sendo substituídos os estragados ou apodrecidos pelo mesmo material primitivo.
- Revestimentos e pavimentações: emboço e reboco nas partes necessárias em todos os cômodos casa, tanto externa quanto internamente. Será revisado também todo o taboamento sendo substituídas as estragadas ou apodrecidas pelas de mesmo tamanho das primitivas.
- Rodapés e corrimãos: serão revisados todos os rodapés dos cômodos e substituídos os estragados ou apodrecidos pelo mesmo material primitivo. Será feita uma revisão geral nos corrimãos da escada de acesso principal substituídos os estragados ou apodrecidos pelo mesmo material primitivo e de madeira de lei.
- Pintura: alvenarias internas serão pintadas em locais onde não se encontram papéis de parede com tinta plástica de acordo com cor especificada pelo IPHAN. Esquadrias serão pintas à óleo em cores indicadas pelo órgão. Na parte externa, será pintada a cimalha que arremata o telhado.
- Vidros: serão revisados todos da casa e trocados os quebrados por mesma qualidade, cor e espessura dos já existentes.
- Trincos e dobradiças: serão revisados todos os existentes na casa e substituídos os estragados.

- Construção de sanitários públicos para o Museu, eletrificação da casa com aproveitamento das peças antigas de iluminação, reparos no telhado da ala da cozinha e do resto da casa, substituição dos pisos da cozinha e ala anexa por lajotas cerâmicas, colocação do forro na sala anexa a cozinha, reparos em alvenarias, pisos, rodapés, esquadrias, corrimãos, troca de vidros partidos, pintura externa e interna e esquadrias com pesquisa de camadas antigas (Esta informação consta em documento do IPHAN de 20 de setembro de 1979 no item resumo dos reparos feitos na casa - cronologia)
- Foi encontrado um documento do DPHAN, sem data, assinado pelo arquiteto Eurico Calvente intitulado “Especificações para o trabalho de conservação e restauração a serem realizados” similar ao documento supra mencionado. (vide documento na íntegra na pasta “gerais” – mesmo título)
- Foi encontrada uma planta baixa para reforma da Casa do Vigia – não foram encontrados relatos de que a obra tenha sido feita naquele ano ou mesmo em outro:

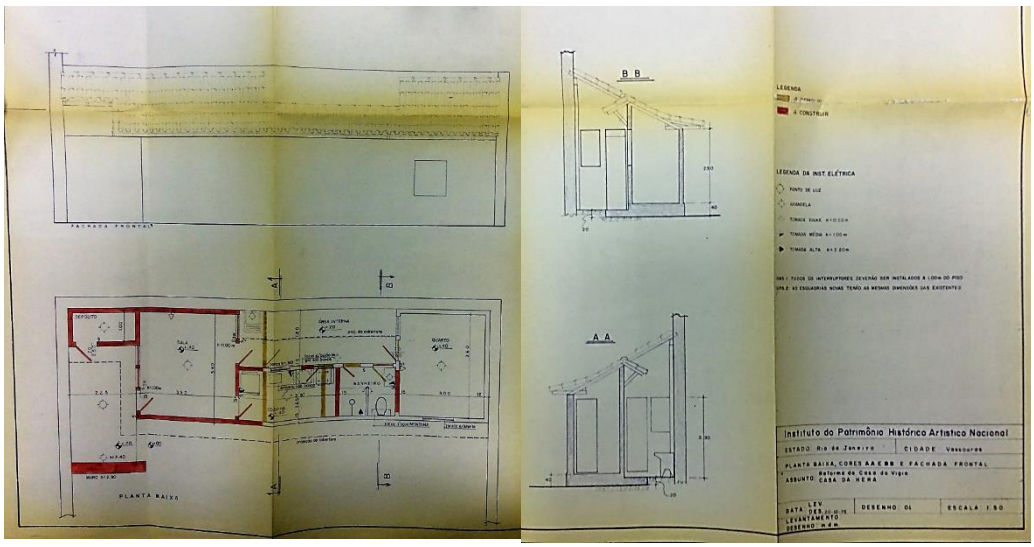


Fig.41. - Planta baixa para reforma da casa do vigia (construir/demolir) Acervo IPHAN-RJ, autor desconhecido, Rio de Janeiro, 1976

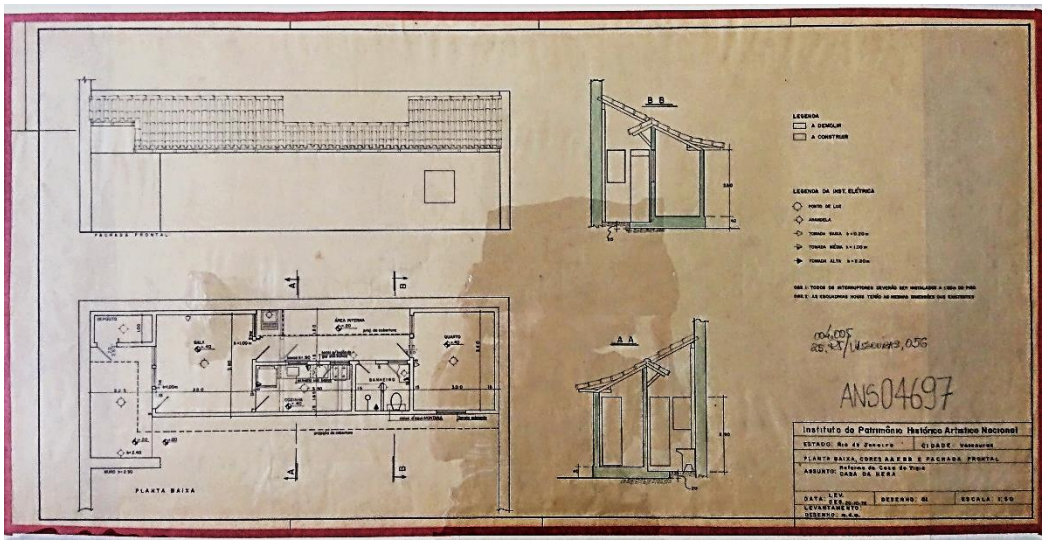


Fig.42 - Planta baixa para reforma da casa do vigia- Acervo IPHAN-RJ, autor desconhecido, Rio de Janeiro, 1976.

- Em junho de 1976, documento do IPHAN, o arquiteto Eurico Calvente solicita fechamento temporário do Museu por 02 meses, visto as obras estarem em andamento, com o intuito de preservação dos moveis e utensílios.
- Em 08 de novembro de 1976, em documento do IPHAN, o arquiteto Eurico Calvente envia documento “Especificações para o trabalho de conservação e restauração a serem realizados”. (vide documento na íntegra na pasta “gerais” – “Especificações para o trabalho de conservação e restauração a serem realizados 1976”)

1977

- Em 25 de julho de 1977, documento do IPHAN, assinado pelo arquiteto Eurico Calvente, "Especificações para o trabalho de conservação e restauração a serem realizados". (vide documento na íntegra na pasta "gerais" – "Especificações para o trabalho de conservação e restauração a serem realizados 1977") onde escreve:
    - Confecção de armários gaveteiros para guarda de acervo de vestidos
    - Construção de base para fixação de 10 refletores, sendo 05 junto à arvores e 05 junto à casa, nos pontos definidos pela saída de tubulação da rede elétrica, feito de concreto armado.
    - Limpeza e reparo geral no telhado da casa com remoção de ervas daninhas.

Esta obra foi executada.

1978

- Projeto de Instalações de Esgoto

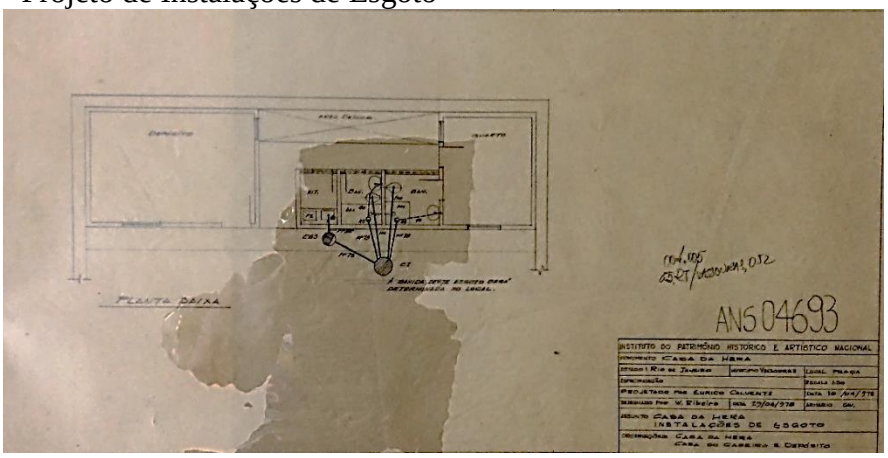


Fig.43 - Planta baixa de instalações de esgoto - Acervo IPHAN RJ, projeto do Arq. Eurico Calvente, Rio de Janeiro, 1978.

- Projeto para modificação e acréscimo de instalações Hidráulicas

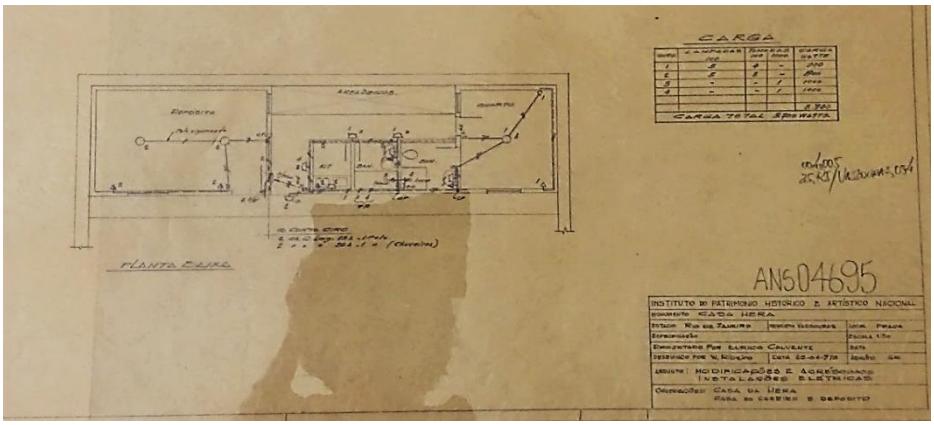


Fig.44 - Planta baixa de acréscimos e modificações de instalação hidráulica - Acervo IPHAN RJ, projeto do Arq. Eurico Calvente, Rio de Janeiro, 1978.

- Projeto para modificação e acréscimo de instalações Elétricas

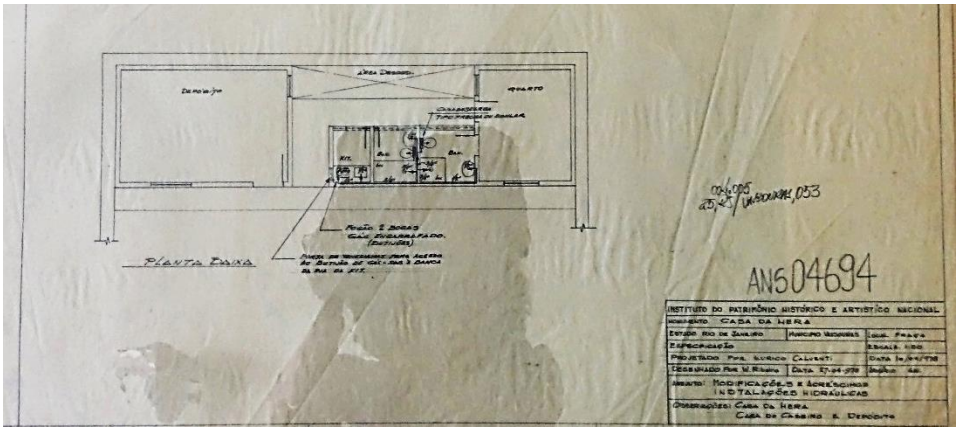


Fig.45 - Planta baixa de acréscimos e modificações de instalação elétrica - Acervo IPHAN RJ, projeto do Arq. Eurico Calvente, Rio de Janeiro, 1978

1979

- Em 16 de julho de 1979, documento do IPHAN, assinado pelo Arquiteto Eurico Calvente, o mesmo encaminha projeto para restauração e recuperação do museu, descriminando o conteúdo dos seguintes serviços: (vide documento na íntegra na pasta "gerais" – "Especificações para o trabalho de conservação e restauração a serem realizados 1979")
  - Planta de situação:
  - Modificação e Acréscimo – casa do caseiro – arquitetura:
  - Idem – instalações elétricas:
  - Idem – instalações hidráulicas:
  - Idem – instalações de esgoto:
  - Especificações
  - Orçamento
  - Cronograma físico-financeiro

1980

- Em 24 de junho de 1980, documento do IPHAN, assinado pelo Arquiteto Eurico Calvente, o mesmo solicita reparos do telhado da casa principal, excluindo a área anexa da cozinha, devido às fortes chuvas ocorridas, e que fossem realizados pela construtora Artiles LTDA, descriminando os seguintes serviços:
  - Retelhamento total com telhas de bica e capa, novas, de modelo primitivo, amarradas às ripas por meio de arame galvanizado nº 14 (telhas de bica) e

argamassadas na cabeça com argamassa de cal de saibro macio com traços 1:2 ou 3:5

- Beirais e cumeeiras serão usadas telhas antigas
- Revisão do madeiramento do telhado aplicando solução de pentaclorofenol diluído a 5% em óleo diesel.

- Em 15 de agosto de 1980, documento do IPHAN, assinado pelo Arquiteto Eurico Calvente, o mesmo envia as Especificações para o trabalho de conservação e restauro - (vide documento na íntegra na pasta "gerais" – "Especificações para o trabalho de conservação e restauração a serem realizados 1980"). Destacando os seguintes itens:
  - Construção de 400m lineares de muro divisório
  - Construção de 178m lineares de canal de recolhimento de aguas pluviais
  - Construção de acréscimo à casa do caseiro existente
  - Revisão do telhado da casa do caseiro e anexo da cozinha (telhas)
  - Reparos do telhado da casa principal:
    1. Retelhamento total com telhas de bica e capa, novas, de modelo primitivo, amarradas às ripas por meio de arame galvanizado nº 14 (telhas de bica) e argamassadas na cabeça com argamassa de cal de saibro macio com traços 1:2 ou 3:5
    2. Beirais e cumeeiras serão usadas telhas antigas
    3. Revisão do madeiramento do telhado aplicando solução de pentaclorofenol diluído a 5% em óleo diesel.
  - Retirada de 150m2 de cimentado que cobre a laje de pedra das rampas de acesso ao prédio do Museu vindo desde a rua
  - Recomposição dos caminhos de acesso ao pomar
  - Recomposição de rede antiga de canais de recolhimento de aguas pluviais
  - Recomposição dos muros de arrimo do jardins frontal e lateral ao prédio
  - Aquisição de vitrinas para guarda de vestuários
  - Pinturas dos caixões externos da janelas e portas do prédio do Museu e anexo das cozinhas bem como das folhas das portas externas
  - Pintura em toda a cimalha e caixilharia de portas e janelas internas e externas
  - Restauração de molduras de quadros e espelhos
  - Restauração dos papeis de parede do hall de entrada
- Em 27 de outubro de 1980, documento do PRÓ-MEMÓRIA, foi assinado um contrato com a devida construtora contemplando os seguintes serviços:

- Instalação de canteiro
- Levantamento topográfico
- Preparo do terreno
- Demolição de piso cimentado
- Fundações em concreto ciclópico
- Estruturas em concreto armado
- Alvenarias e revestimentos
- Pavimentação de piso
- Cobertura
- Instalações elétricas e hidro sanitárias

1981

- Em 08 de janeiro de 1981, documento do IPHAN, assinado pelo Arquiteto Eurico Calvente, o mesmo envia um relatório dos serviços realizados até a presente data (vide documento na íntegra na pasta "gerais" – "relatório de obra janeiro 1981"):
  - Levantamento topográfico
  - Muros divisórios e canais de recolhimento de agua pluviais
  - Telhado do corpo principal da casa
  - Recomposição de redes antigas de canais
- Em 06 de fevereiro de 1981, documento do IPHAN, assinado pelo Arquiteto Eurico Calvente, o mesmo envia um relatório dos serviços realizados até a presente data (vide documento na íntegra na pasta "gerais" – "relatório de obra janeiro 1981"):
  - Muros divisório com o SENAI
  - Acréscimo da casa do caseiro – restando somente finalizar revestimentos
  - Telhado do Museu – colocadas metade das telhas das águas que caem para o pátio interno, tendo sido terminado toda a área externa e já iniciada a pintura da cimalha
  - Caminhos
  - Pintura das cimalhas e janelas iniciados
  - Papel de parede do hall de entrada – o artista executor enviou proposta para os outros cômodos. (anexo a este relatório, porém não consta)
- Em 1 e 9 de setembro o técnico César Barroso envia um laudo de testes da tinta da barra inferior das paredes da sala de Jantar (vide documento na íntegra na pasta "gerais" – "laudo de testes de tinta barra inferior paredes Jantar 1981")

1982

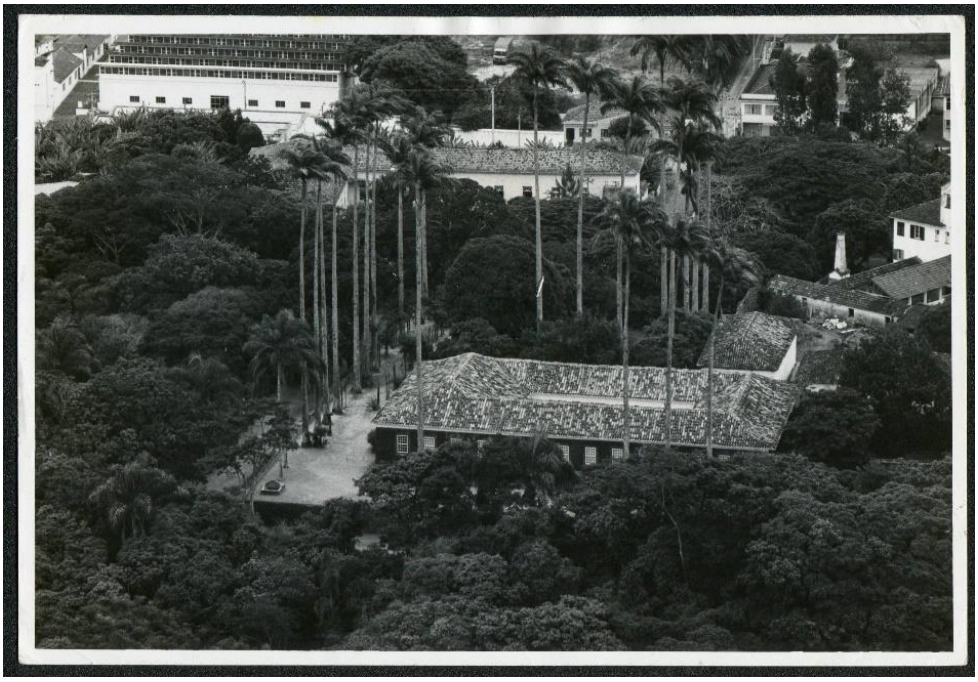


Fig. 46 - Foto 103481 – acervo Casa de Hera RJ, autor Pedro Lobo, 1982.

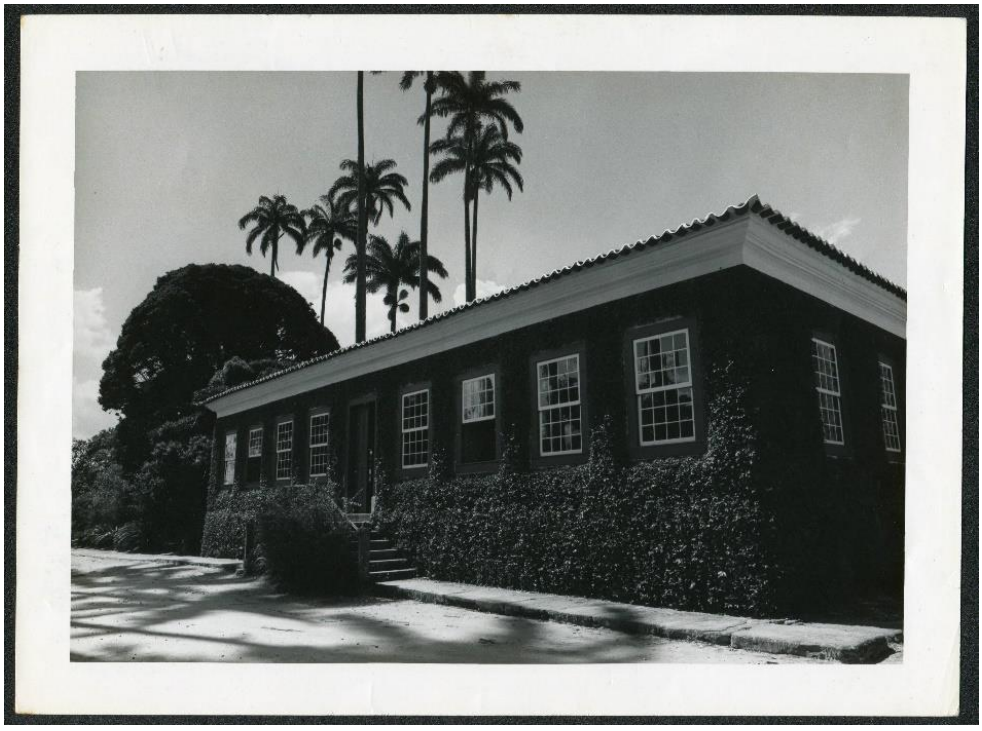


Fig.47 - Foto 103482 – acervo Casa de Hera RJ, autor Pedro Lobo, 1982.

- Em 1982 foi solicitado pelo PRÓ-MEMORIA à Prefeitura de Vassouras, via termo de cooperação entre os mesmos, a criação do Parque da Casa da Hera, abrangendo a área externa do imóvel, sem este sofrer qualquer alteração, com intuito de lazer e aproveitamento dos jardins. O documento foi assinado pelos órgãos envolvidos.

- Em 20 de abril de 1982 foi requerido via minuta, um termo aditivo ao acordo firmado em 1966. Importante sinalizar que o documento não foi assinado.

> Cláusula primeira – do Objeto
> O objeto deste termo é incorporar à área, sob os cuidados, guarda e conservação do PRÓ-MEMORIA, outra área que completará o entorno natural da Casa da Hera, conforme planta anexa e que substituirá planta anterior.

- Em documento sem identificação, intitulado de "Em Foco", sem data, o texto diz que houve uma troca de papeis da parede, e que a coordenação ficou a cargo do arquiteto Eurico Calvente e da museóloga Ada Camargo.
  (vide documento na íntegra na pasta "papéis de parede" – em foco – documento sem data)

> A fim de executar os papéis em causa, aquela firma chegou a interromper sua produção normal para dedicar-se a recriação dos motivos decorativos dos papéis a serem substituídos, tarefa que executou entre 1981 e 1982. Muitas pesquisas, fotografias, testes foram necessários até que se alcançassem os padrões e tons dos papeis originais. Na confecção dos papeis da Sala de Jantar, por exemplo, para ser determinada a arte final, realizou-se a impressão superposta de dezessete cores. E para se chegar aos florões decorativos com elementos dourados em alto relevo sobre fundo vinho do papel do Salão Social, os técnicos da Badia, precisaram desenvolver um processo especial utilizando a eletricidade estática para fixar os fios de raion repartidos microscopicamente em arabescos.

Foram reconstituídos os papéis de parede do vestíbulo, Salão Social, Salão Comercial e Sala de Jantar. Cesar Barroso, especialista da Badia, orientou o processo. A técnica empregada foi a serigrafia para estampar o desenho, fixados à parede com cola fungicida. Segundo documento, em todos os cômodos foi deixado um pequeno retângulo do papel original como testemunha.
O documento sinaliza ainda, um álbum datado de 21 de dezembro de 1982, que contém 21 pranchas que documentam este trabalho.

1984

- Em 17 de dezembro de 1984, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma relata sobre os três dias de obra (12 a 14 do mesmo mês) de emergência realizadas pela empresa Acioly Engenharia, onde foram substituídos 02 barrotes e complementação do muro de pedra do baldrame da casa principal, trecho este sobre a parede limítrofe do escritório com o quarto de vestidos.

Foi usada argamassa com base de areola e cal. Haviam 03 tomadas de piso que foram retiradas e reinstaladas.

1985

- Em 08 de abril de 1985, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma solicita reparos em 02 peitoris das janelas dos banheiros.
- Em 14 de junho de 1985, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma solicita reparos em 12 peitoris das janelas da casa principal que estão danificados com as chuvas, 20 peitoris estão com infiltrações, substituindo 02 rodapés que foram atingidos. Solicita ainda 10 pares de borboletas para sustentação da guilhotina, engraxar parte dos trincos das janelas, reparar algumas réguas do forro.

  Solicita na mesma data, em outro documento, reparo em 02 fechaduras com suas chaves e descupinização dos moveis.
- Em 11 de junho de 1985, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma solicita licença para projeto de iluminação para transformar a antiga despensa em sala de exposições.
- Em 09 de agosto de 1985, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma solicita reparos em diversas trancas das janelas, com intuito de segurança, construção de muro de divisa da chácara com o colégio, recuperação da edícula que contem chave e medidor de eletricidade do museu, recuperação do beiral do anexo do Museu que não suportou o peso das telhas causando diversas infiltrações, substituição destas telhas quebradas.
- Em 28 de agosto de 1985, documento do PRO-MEMORIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, foi realizado um levantamento para reparo nas ferragens (trancas) das janelas e quartos totalizando 71 trancas.
- Em 29 de outubro de 1985, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma solicita confecção de novo sumidouro da rede de esgoto, pois o mesmo se encontra saturado e sinalizando que os tamanhos dos fios do quadro elétrico não são os mesmo que chegam na distribuição interna da casa, sendo assim, solicitando confecção de nova fiação com campainhas internas para comunicação. Enviado orçamento da empresa Acioly Engenharia.

1986

- Em 14 de agosto de 1986, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma solicita novamente os reparos enviados em documento de 29 de outubro de 1985.
- Em 10 de dezembro de 1986, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma envia nova proposta para os mesmos serviços supra mencionados.

A obra foi executada

1987

- Em 03 de fevereiro de 1987, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma solicita reparos em tesoura de telhado situada acima do Salão de Música. (vide documento com desenhos na íntegra na pasta "madeiramento e telhado" –substituição de tesoura rachada)
- Em 16 de junho de 1987 foi emitido um laudo de vistoria em documento escrito e fotográfico, da arquiteta Maria da Graça Souto Queiroz, da SPHAN/6ª DR realizado junto com a arquiteta Isabel Cristina Rocha, sobre as condições do madeiramento do Museu, se detendo ao porão e cobertura. (vide documento com fotos na íntegra na pasta "madeiramento e telhado" – laudo técnico e fotográfico madeiramento porão e telhado 1987). Em suma:

  Porão:

  - Baldrames e barroteamento sem vestígios de cupins
  - Tronco central em canela apresenta descolamento e sinais de broca
  - Pisos intactos
  - Fungos generalizados no porão com presença de formigueiros e brocas
  - Material de obra estocado não deve interferir na circulação de ar do local

  Cobertura:

  - Peças estruturais em pinho de riga e peroba rosa não apresentam sinais de fungos
  - Parte dos caibros em madeira roliça estão comprometidos a médio prazo
  - Ripas fragilizadas, porem as do forro apresentam boas condições
  - Alvenaria de pau-a-pique que chega a cobertura está com traços de apodrecimento
  - Presença de fungos em menor escala
  - Deve-se realizar limpeza com vassoura e aspirador de pó

Interiores da casa

- Presença de cupins em locais úmidos como peitoris, rodapés e portais

Solução:

De imediato:

Por vir do interior da casa, dos moveis e em locais de umidade, o problema deve ser solucionado em duas etapas:

1. Substituição dos peitoris, rodapés e portais, sendo peças tratadas com K'OTTRINE E QUEROSENE na proporção 6/1L
2. Substituição das peças afetas no porão e cobertura
3. Deverão ser impregnadas por CAPILARIDADE as peças da cobertura
4. Deverá ser finalizado o levantamento do porão e cobertura iniciado pela arq. Isabel Rocha, possibilitando mapeamento de peças a serem trocadas
5. Desinfecção e restauro de mobiliário

Em curto prazo:

1. Acompanhamento para verificação de surgimento de novos pontos de fungos
2. Substituição gradual das peças da cobertura
3. Tratamento preventivo a partir de novos dados
4. A desinfestação deverá ser acompanhada por esta equipe.









Fig. 48 a 56 – Fotos registradas na vistoria.

OBS: Existe ainda, no documento na íntegra, um levantamento de madeiras utilizadas. (vide documento com fotos na íntegra na pasta "madeiramento e telhado" – laudo técnico e fotográfico madeiramento porão e telhado 1987)

- Em 22 de junho de 1987, documento do PRÓ-MEMÓRIA, laudo de vistoria assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma solicita, após inspeção na parte interna da casa alguns reparos (vide documento com fotos na íntegra na pasta "interiores" – laudo técnico e fotográfico interiores 1987)

  Em suma:

  - Novamente a questão dos cupins dentro da casa é levantada, incluindo rodapés, peitoris, portas.
  - Novamente a questão das ferragens, faltam borboletas para guilhotinas das janelas, alguns trincos foram pintados por cima impedindo o funcionamento e

outros se encontram duros para o manuseio quebrando muitas vezes a madeira ao redor.



Fig. 57 a 62 – Fotografias do anexo.

- Em 04 de julho de 1987, documento PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela responsável pelo Museu, Regina Resende Filha, enviado para a coordenadora de Museus da 6ª coordenação regional, foi sinalizado uma infestação de cupins nos armários da Reserva Técnica, assim como em todos os cômodos. O trabalho foi realizado no mesmo ano.
- Em 13 de julho de 1987, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Rocha (PRO-MEMORIA) para reparo nas ferragens da Casa. A proposta foi aceita no mesmo mês e realizada por serralheiro de Vassouras, sr. Antônio Carlos Martins.
- Em 24 de agosto de 1987, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma solicita obras de reparo no Museu. (vide documento na íntegra na pasta “madeiramento e telhado” – solicitação de obras reparos 1987)

Em suma:

- Reparo em 29 peitoris
- Substituição de rodapés
- Substituição de portais
- Substituição de base da porta principal de acesso
- Tratamento e pintura de todas as peças a serem substituídas
- Limpeza do forro de toda a casa

  OBS: As peças devem ser tratadas com K'OTTRINE E QUEROSENE na proporção 6/1L

1988

- Em 21 de setembro de 1988, documento PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela responsável do Museu, Regina Resende Filha, foi realizada uma limpeza no forro do Museu. O mesmo documento sinaliza a falta de zelo para que o acervo não sofra mais danos com poeiras em trabalhos realizados no forro ou telhado da Casa e que seja colocado um cadeado nos armários. Também sinalizou neste mesmo documento:
  1. Danos causados por produtos químicos e poeira que prejudicam todo o acervo e principalmente o acervo têxtil, já danificado;
  2. Umidade;
  3. Posicionamento inadequado doas armários não tendo ventilação
  4. Sobre peso dos armários causando depressão do assoalho, por estar localizado sob a mesma viga do armários de louças da Sala de Jantar. Este assoalho se localiza entre o corredor que une as Salas de Jantar e Chá.
  5. Solicita a transferência desta reserva técnica e dos armários para a Sala de Exposições Temporárias, visto que o local é arejado e sem circulação de estranhos, sinalizando que seria necessários apenas uma lona para cobrir a esteira que serve de teto para sala, com o intuito de evitar sujidades e goteiras.
- Em 18 de novembro de 1988, documento PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela responsável do Museu, Regina Resende Filha, a mesma comunica o reaparecimento de cupins no forro de fundo dos armários da reserva técnica, solicitando a retirada dos mesmo, substituindo-os por tecidos para que assim que fosse viável, trocar por madeira.

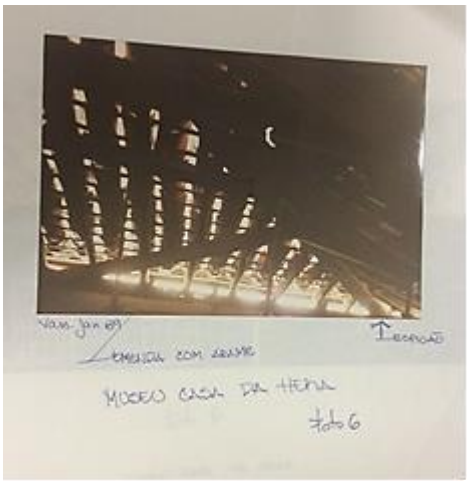
1989

- Em 07 de março de 1989, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, a mesma comunica a conclusão dos seguintes serviços realizados

(vide documento com fotos na íntegra na pasta ‘‘gerais’’ – comunicado de serviços já executados 1989):

Em suma:

1. Calhas do pátio interno
2. Emenda no espigão da sala de exposições do Museu
3. Telhado







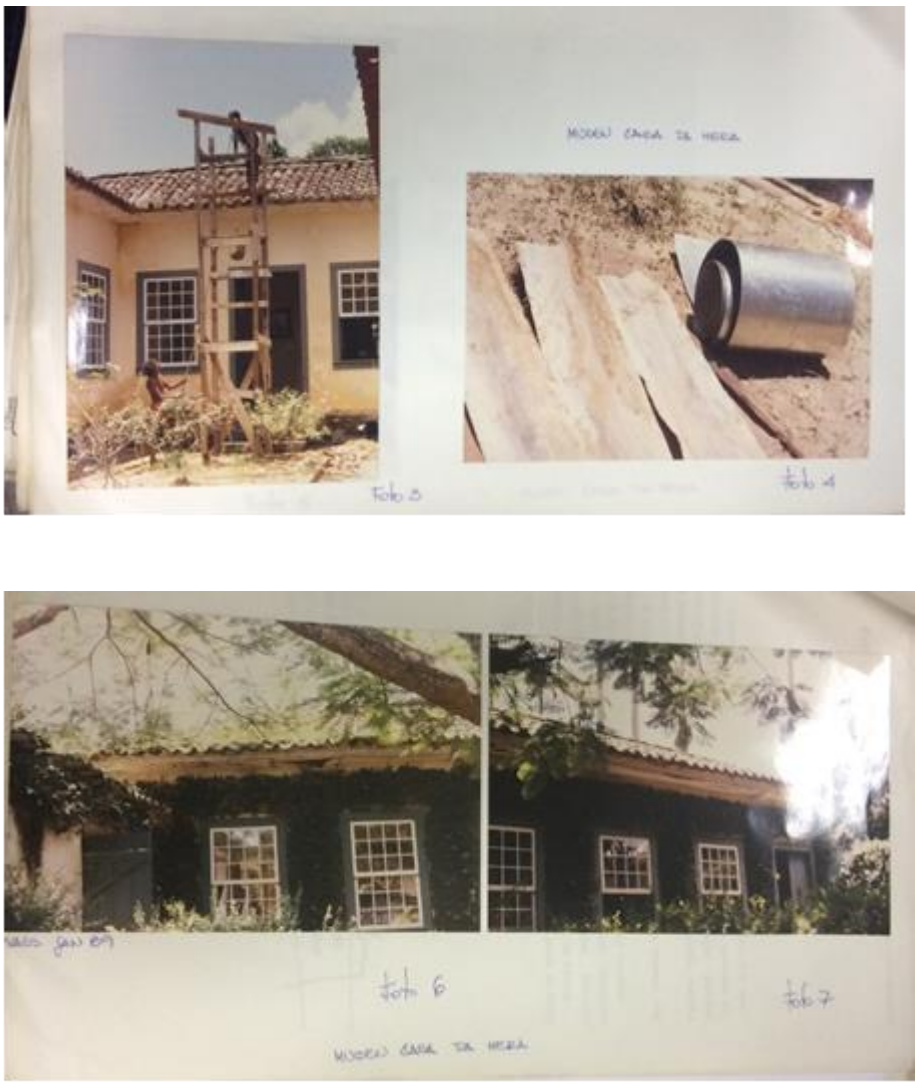
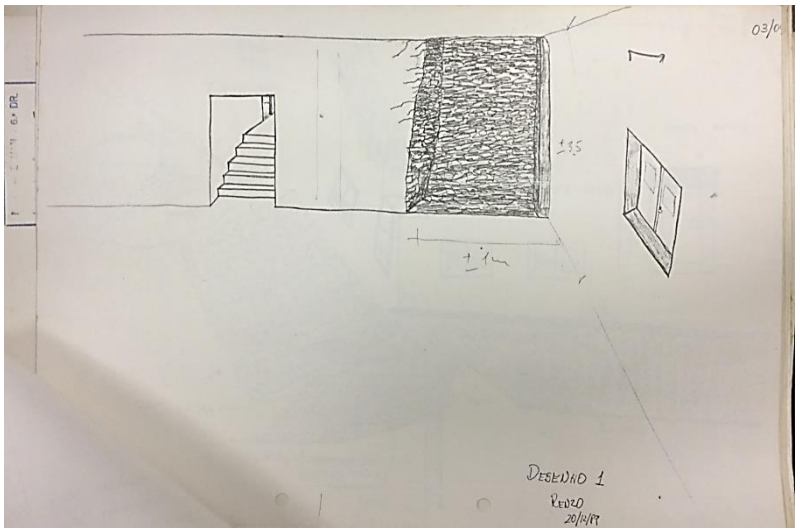


Fig.63 a 67- Fotografias tiradas pela autora do documento.

- Entre agosto e setembro, o telhado da área de serviço foi restaurado, segundo documento e relatório do PRÓ-MEMÓRIA de Ely Gonçalves, responsável pelo Museu na ocasião. Foi consertado o espigão que estava quebrado.
- Em 20 de dezembro de 1989, documento do PRÓ-MEMÓRIA, assinado pelo engenheiro Enzo Augustos da Nobrega, é sinalizado que houve um desmoronamento de parte da parede próxima à escada que dá acesso à cozinha, devido a um problema na calha que estava com vazamento, gerando infiltração. Segue desenhos abaixo como demonstração:



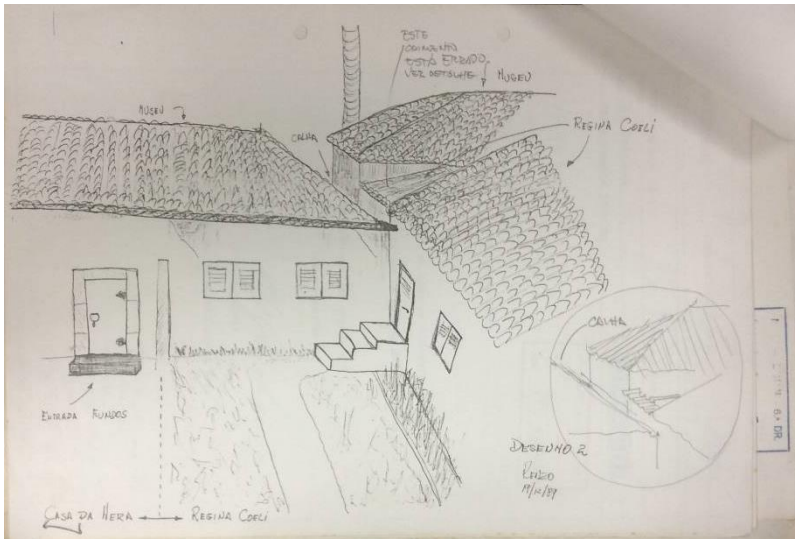


Fig.68 e 69 – Imagens reproduzidas do documento.

1990

- Em janeiro, documento intitulado de relatório de obras, foi sinalizado o conserto de peitoris, rodapés, portais e beiral, pela empresa J. A. Miranda de Vassouras.

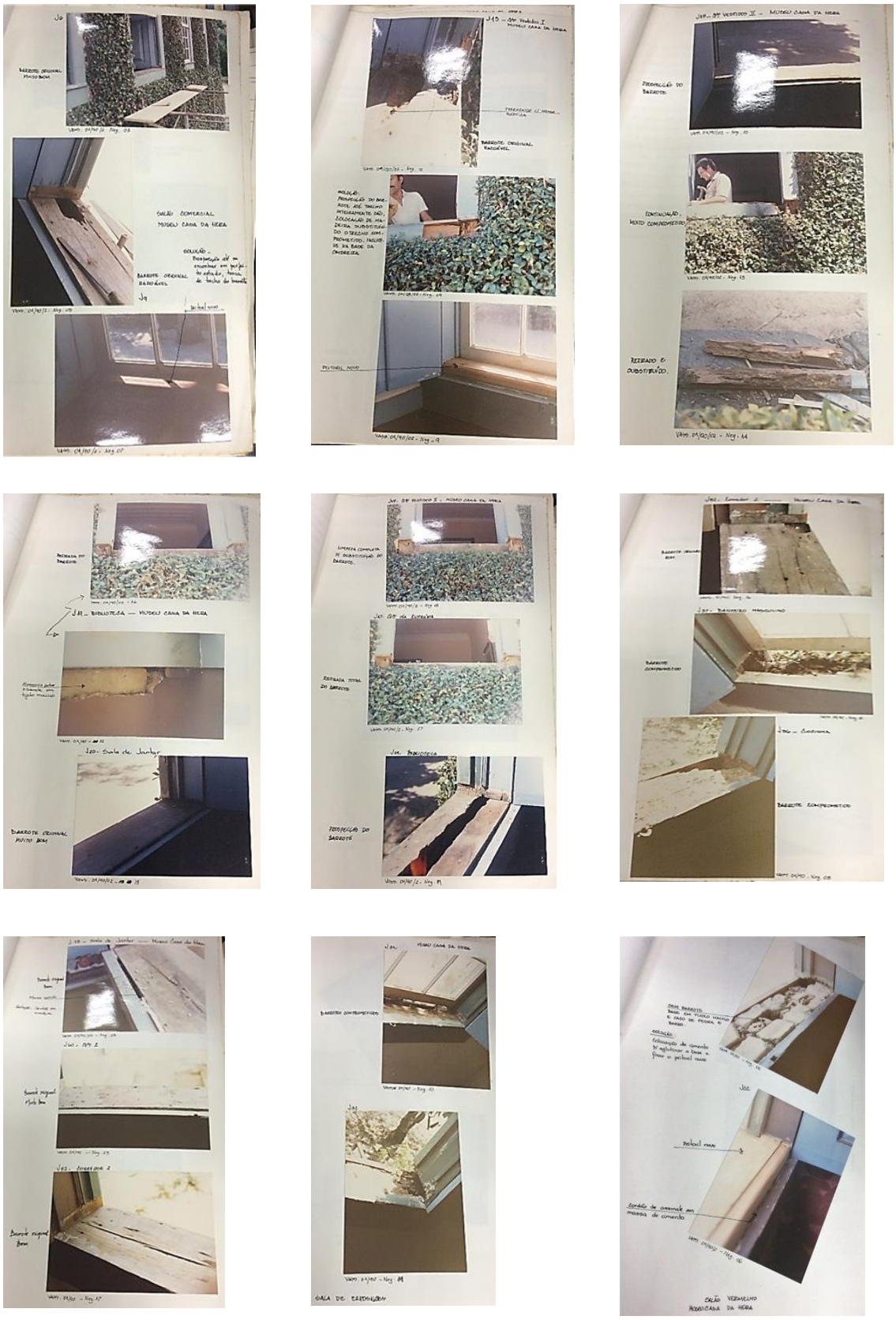


Fig.70 a 78 – Fotografias tiradas durante a obra, autora arquiteta Isabel Rocha.

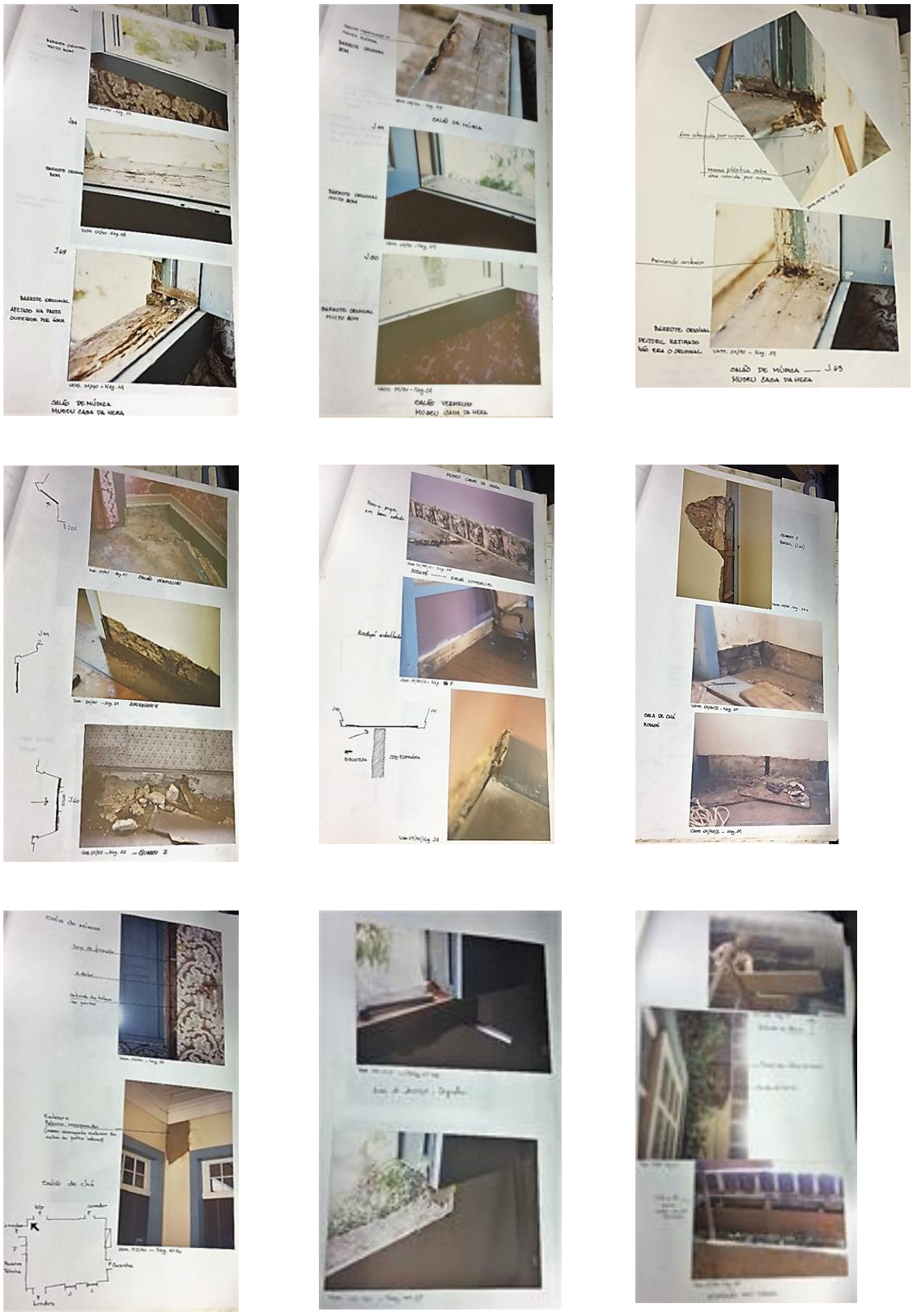


Fig.79 a 87 – Fotografias tiradas durante a obra, autora arquiteta Isabel Rocha

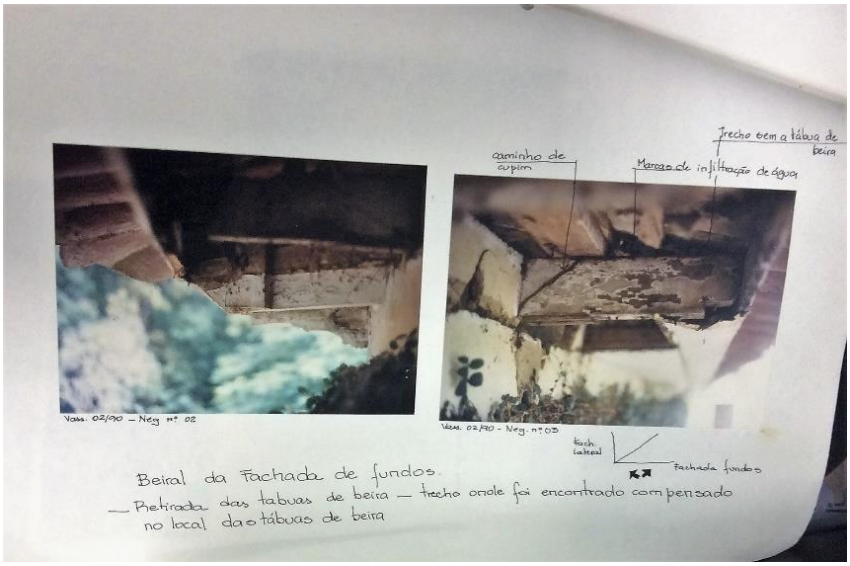


Fig.88 – Fotografias tiradas durante a obra, autora arquiteta Isabel Rocha

- Em 25 de setembro, o documento do Sphan, assinado pela arquiteta Isabel Cristina Rocha, relata a revisão da elétrica da casa, pois a mesma havia sido feita em 1987 pela Accioly Engenharia. Foi feita a troca da chave geral, por não fabricar mais a antiga, por uma trifásica, com fusíveis de 40v em base de mármore, foram trocados 5 disjuntores, foram revisados 08 spots da sala de exposição, foi substituído interruptor de sirene externo ao imóvel por uma campainha com retorno automático e foi refeita a ligação da tampa da (?) biblioteca que estava com mal contato.

  Obs.:

  - Segundo entrevista desta equipe com a Arquiteta Isabel Rocha, em 13 de março de 2017, em Vassouras, a mesma relatou que foram feitas obras no telhado e na estrutura da Casa durante todos os anos de 1990 até 1994.
  - Em 1990 foram trocados os peitoris da cozinha.
  - A mesma também relatou que foi doado à Casa um descupinização anual gratuita, que durou do final dos anos 1990 até 2007.

1991

- Segundo documento assinado pelo Arquiteto Paulo Vidal, da empresa Reciclar Arquitetura e Restauro, a obra estava em andamento normal. (vide documento na íntegra na pasta “madeiramento e telhado” – Relatório de obras realizadas e em andamento1990)

1994/1997

- Segundo relatório de obra, assinado pela empresa Acioly Engenharia realizou serviços de limpeza e manutenção na casa como retirada de telhas antigas, beirais, espigão e águas do telhado de forma geral.
- Segundo documento do IPHAN, é solicitada readequação de instalação elétrica pela arquiteta Isabel Rocha.

2007

- Em documento técnico do escritório de Vassouras, 6ª SR/IPHAN, a empresa Tecron Serviços LTDA, realizou os seguintes serviços no ano vigente:
    - ✓ Recuperação de emboços, esteios e esquadrias e pintura da fachada do MCH voltada para senzala (cozinha e reserva técnica)
    - ✓ Revisão das folhas tipo esquadrias tipo guilhotina de vidro, de todas as janelas do MCH
    - ✓ Recuperação de emboços do interior com pintura dos mesmos
    - ✓ Recuperação do trecho do muro divisório ruído voltado para rua Dr. Fernandes Junior.
- Em janeiro, documento técnico do escritório de Vassouras, 6ª SR/IPHAN, a empresa Tecron Serviços LTDA, realizou os seguintes serviços no ano vigente:
    - ✓ Restauração da parede da cozinha, reserva técnica e alcova, além de esquadrias do MCH.
- Em janeiro foi confeccionado um diário de obra de 10 páginas (vide documento na íntegra na pasta “gerais” – Relatório de obra 2007)

2009

O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) assume o Museu Casa da Hera.

2013/2016

Obra de recuperação do telhado completa, através da empresa ABÓBODA.

2015/2016

Descupinização realizada pela empresa Ambiental Serviços

4. BIBLIOGRAFIA

4.1. FONTES

NETTO, Bem Attar. “A Casa da Hera”. In: *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 27/01/1952.

Testamento de Eufrásia Teixeira Leite, s.d., Museu Casa da Hera, Vassouras.

Inventário de Eufrásia Teixeira Leite, 1930, Museu Casa da Hera, Vassouras.

Cartas de Manoel da Silva Rebello à Eufrásia Teixeira Leite, Museu Casa da Hera, Vassouras.

Cartas à Julio Corrêa e Castro, de Eufrásia Teixeira Leite, Museu Casa da Hera, Vassouras.

Inventário da Casa da Hera, RJ 179-2-01, IPHAN RJ.

Processo de Tombamento n. 459-T-52, IPHAN RJ.

4.2. LIVROS E PERIÓDICOS

AGOSTINI, Camilla; NAJJAR, Rosana. Pesquisa arqueológica na Casa da Hera – Vassouras / RJ. In: **Revista de Arqueologia**, 20: 39-50, 2007.

Eneida QUEIROZ, Eneida; ALVES, Daniele de Sá; ROCHA, Cinthia. **Museu Casa da Hera**. Brasília, DF: IBRAM, 2014.

LYRA, Cyro Corrêa. Documenta Histórica dos municípios do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: **Documenta Histórica**, 2006, pp.257-264.

C.B.M., O Município de Vassouras, **Correio Mercantil**, 27 de março de 1855, n.84.

Cidades Fluminenses: Vassouras, p.5**, Jornal do Commercio**, 25 de dezembro de 1926.

TELLES, Augusto C. da Silva. “Vassouras - Estudo da construção residencial urbana”. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n.16, RJ, 1968, p.9-137.

Documento assinado digitalmente
gov.br
VERONICA CASTANHEIRA MACHADO
Data: 04/06/2024 18:20:40-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br